



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JEFFERSON LUCAS RIBEIRO VITURIANO

POR UMA GEOGRAFIA EMOCIONAL ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO
SIMBÓLICA DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

FORTALEZA/CE
2021

JEFFERSON LUCAS RIBEIRO VITURIANO

POR UMA GEOGRAFIA EMOCIONAL ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Trabalho de Conclusão do Curso de licenciatura plena em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V834u Vituriano, Jefferson Lucas Ribeiro.

Por uma geografia emocional escolar na construção simbólica das habilidades socioemocionais / Jefferson Lucas Ribeiro Vituriano. – 2020.

89 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

1. Geografia emocional escolar. 2. Geografias emocionais. 3. Habilidades socioemocionais. I. Título.

CDD 910

POR UMA GEOGRAFIA EMOCIONAL ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Trabalho de Conclusão do Curso de licenciatura plena em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Geografia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Márcia Alves Soares da Silva
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Ms. Djailson Ricardo Malheiro
Universidade Federal do Ceará (LEGES/UFC + SME de Juazeiro do Norte)

L.^{do} Eduardo Rodrigo Alves
Universidade Federal do Ceará (LEGES/UFC)

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui, mas principalmente a Noadias Alves, minha mãe querida e amada, que sempre acreditou em mim e na minha capacidade de batalhar pelos meus objetivos e ser quem sou. Pois sempre me incentivou a estudar desde o ensino médio, na esperança que um dia me tornaria o homem que ela tanto sonhou. Para além dela, minha mais sincera gratidão a minha avó Raimunda Vituriano e ao meu pai José Cláudio, que foram pessoas que também estiveram dando seu apoio durante toda a minha jornada acadêmica.

Também agradeço imensamente a meus amigos, Matheus Onofre, Denner Ridley, Douglas Nascimento, Matheus Damasceno, Maria Jamily, Débora Steffany e Evellyn Figueiredo, que sempre se dispuseram a me ouvir, me abraçar e fazer-me rir. Pessoas como vocês baseiam a minha fé em ser alguém melhor todos os dias. Apesar de termos iniciado juntos, à medida que os semestres se passaram, vocês encontraram novos caminhos, e não tenho palavras para descrever o quanto me fizeram feliz por simplesmente ser quem são. As pessoas com quem iniciamos a travessia nem sempre são as mesmas que estão conosco no final dela, mas cada uma traz algo a ensinar, e o maior presente que vocês me deram foi aprender a encarar a vida com mais diversão e leveza.

Também foi um enorme prazer aprender com meu orientador Christian Dennys, pois me ensinou conceitos imprescindíveis sobre lugar e identidade lá em oficina 2, conhecimentos que posteriormente tornaram-se sabedorias que levarei para além da graduação. Além de ensinar-me a tornar a educação mais divertida e não linear. Agradeço também a todos os programas de bolsa como a PRAE e a Prograd da UFC, que deram-me apoio científico e financeiro para me manter na faculdade, bem como também, de uma forma geral, o Departamento de Geografia, que enriqueceu meus caminhos de forma imensurável. Bem como também um agradecimento especial a EEFM DOUTOR CÉSAR CALS, pois foi um pequeno início para grandes descobertas em minha vida.

Sobretudo sou eternamente grato ao Universo por ter-me presenteado com tantos saberes e relacionamentos dentro e fora da Geografia. Sempre pensamos no começo e no final das coisas, mas o que enche a vida em todos os seus sentidos, são os caminhos e as vivências em que passamos. Aho!

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.” Rubem Alves

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a Geografia Emocional Escolar, ancorando-se em discussões presentes na Geografia Cultural, bem como também, nas observações dos estudantes do último ano do ensino médio da escola Doutor César Cals em Fortaleza - CE. O público escolar pautado nesse estudo, teve como base de suas indagações as habilidades socioemocionais postas pela BNCC (2017), mas que sobretudo, teve seus efeitos pautados mediante ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) em 2020, em função ao contexto da pandemia da COVID-19. Silva (2016, 2018, 2019), Oliveira (2014 e 2019), Saltini (1997) e Freire (1981 e 1983) foram autores essenciais ao percurso teórico metodológico, levando a considerar uma autoconsciência emocional e relacional junto à geoeducação. O foco dessa pesquisa segue sendo explorar as possibilidades estruturais de uma Geografia Emocional Escolar (GEE) tendo como base norteadora as habilidades socioemocionais. Bem como também, usufruir de práticas geoeducativas integradas como materialização dessa Geografia libertadora. Por sua vez, a Geografia deve agir como propulsora que fundamenta e compreende as vivências dialéticas, mas que pode negligenciar seu caráter libertador quando cede à unilateralidade metodológica. As micro situações do cotidiano, os afetos e as novas tecnologias de ensino podem ser fortes parceiros à rotina geoeducativa. A pesquisa mostra que esses aliados, quando efetivados às Geografias Emocionais, de abordagem humanística, ressignificam o papel da escola e são capazes de inspirar os discentes e recuperar sua motivação.

Palavras-chave: Geografia Emocional Escolar. Geografias Emocionais. Habilidades Socioemocionais.

ABSTRACT

The present research has as object of study the School Emotional Geography, anchoring itself in discussions present in Cultural Geography, as well as in the observations of the students of the last year of the high school of the Doctor César Cals school in Fortaleza - CE. The school audience based on this study, was based on their inquiries on the socio-emotional skills provided by the BNCC (2017), but above all, it had its effects guided by Emergency Remote Education (ERE) in 2020, due to the context of the COVID pandemic. -19. Silva (2016, 2018, 2019), Oliveira (2014 and 2019), Saltini (1997) and Freire (1981 and 1983) were essential authors to the theoretical methodological path, leading to consider an emotional and relational self-awareness with geoeducation. The focus of this research continues to be to explore the structural possibilities of a School Emotional Geography (SEG) based on socioemotional skills. As well as, take advantage of integrated geo-educational practices as materialization of this liberating Geography. In turn, Geography must act as the driving force that underlies and understands dialectical experiences, but that can neglect its liberating character when it yields to methodological unilateralism. The micro-situations of everyday life, affections and new teaching technologies can be strong partners in the geo-educational routine. Research shows that these allies, when applied to Emotional Geographies, with a humanistic approach, resignify the role of the school and are capable of inspiring students and recovering their motivation.

Keywords: School Emotional Geography. Emotional Geographies. Socio-emotional Skills.

.RESUMEN

La presente investigación tiene como objeto de estudio la Geografía Emocional Escolar, anclándose en las discusiones presentes en Geografía Cultural, así como en las observaciones de los alumnos del último año del bachillerato del colegio Doctor César Cals en Fortaleza - CE. El público escolar a partir de este estudio, a partir de sus indagaciones, las habilidades socioemocionales proporcionadas por BNCC (2017), pero sobre todo, tuvo sus efectos guiados por la Educación Remota de Emergencia (ERE) en 2020, debido al contexto de la Pandemia de COVID -19. Silva (2016, 2018, 2019), Oliveira (2014 y 2019), Saltini (1997) y Freire (1981 y 1983) fueron autores esenciales en el camino metodológico teórico, lo que llevó a considerar una autoconciencia emocional y relacional con la geoeducación. El foco de esta investigación sigue siendo explorar las posibilidades estructurales de una Geografía Emocional Escolar (GEE) basada en habilidades socioemocionales. Además, aprovechar las prácticas geoeducativas integradas como materialización de esta Geografía liberadora. A su vez, la Geografía debe actuar como el motor que subyace y comprende las experiencias dialécticas, pero que puede descuidar su carácter liberador cuando cede al unilateralismo metodológico. Las micro situaciones de la vida cotidiana, los afectos y las nuevas tecnologías de enseñanza pueden ser socios fuertes de la rutina geoeducativa. La investigación muestra que estos aliados, aplicados a las Geografías Emocionales, con un enfoque humanista, resignifican el rol de la escuela y son capaces de inspirar a los estudiantes y recuperar su motivación.

Contraseñas: Geografía Emocional Escolar. Geografías emocionales. Habilidades socioemocionales.

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

COVID-19: COrona Vlrus Disease (Doença do Coronavírus)

EDCC: EEFM DOUTOR CÉSAR CALS

EEFM: Escola de Ensino Fundamental e Médio

ERE: Ensino Remoto Emergencial

GEE: Geografia Emocional Escolar

IAS: Instituto Ayrton Senna

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Nacional Anísio Teixeira

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

NTPPS: Núcleo de Trabalho Pesquisa e Práticas Sociais

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPDT: Projeto Professor Diretor de Turma

SEDUC: Secretaria de Educação do Estado do Ceará

TIC: Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
(Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
3	A GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES COMO EXPRESSÃO DAS ESPACIALIDADES.....	22
3.1	Por uma Geografia Emocional Escolar: Pessoas, lugares, sentidos e identidade.....	30
4	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM.....	39
4.1	Educação sobre dualidades: saber cognitivo sobreposto ao saber socioemocional.....	44
4.2	O Núcleo de Trabalho Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS) como ferramenta do desenvolvimento socioemocional.....	46
5	AS MICRO SITUAÇÕES DO COTIDIANO COMO PRERROGATIVA GEOGRÁFICA DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS.....	50
5.1	Diálogos acerca da afetividade e do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na regência em Geografia da EEFM DOUTOR CÉSAR CALSA.....	57
5.2	A Geografia Integrada como aparato docente de conceituação da vida.....	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	83
	APÊNDICE A: FORMULÁRIO DE ENTREVISTA “ A GEOGRAFIA DOS AFETOS E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS” COM ALUNOS DA DR CÉSAR CALS.....	88

1 INTRODUÇÃO

O contato é uma das principais estruturas de orientação para dar sentido à interpretação do indivíduo sobre o mundo. Através dele podemos categorizar nossas impressões de um lugar e/ou paisagem a partir de múltiplas perspectivas, visto que as leituras emocionais e subjetivas, são condicionantes diretas de nossas marcas enquanto construtores da própria realidade. Os relacionamentos são a base para qualquer pensamento geográfico, pois é nesses sentidos da vida cotidiana que nos percebemos como sujeitos sociais e culturais, e a diversidade de encontros e desencontros, acrescentam identidade e valor àquilo que, muitas vezes, passa despercebido na rotina geoeducativa.

A Geografia Escolar deve atentar-se ao ato de descobrir o mundo individual, que compõe e recompõe o que é vivido, dotando o educando de sensibilidade às micro situações pessoais, seja a família, o bairro, as redes sociais ou quando estão ociosos. Para Silva (2016) as emoções são fenômenos espaciais que configuram na subjetividade das vivências, assim a relação com o lugar nasce a partir da tríade mente, corpo e emoções. Todavia essa omissão estrutural ao incentivo socioemocional direto tem prejudicado o avanço da educação como elo de reflexão entre o ser humano e o meio.

Se a relação entre o sujeito e o objeto no processo de conhecimento apelam para uma dimensão subjetiva, no caso deste conceito o subjetivo parece mais forte, uma vez que antes de conceituar os alunos já têm uma experiência direta com o lugar, o seu lugar (CAVALVANTI, 1998, p. 91).

Concomitante ao que a autora citou acima, as experiências subjetivas são permeadas por selos simbólicos, resultantes da historicidade individual e social, potencializando o universo lógico de raciocínio e compreensão do espaço geográfico. Entretanto no contexto escolar, as habilidades cognitivas (memorização, atenção, descrição) têm se tornado supervalorizadas em detrimento das socioemocionais (autorreflexão, cooperatividade e experimentação), pois a primeira dá margem para a competição, base para obter resultados e colocações em provas.

Segundo os dados do Censo Escolar divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira (INEP, 2017), entre 2014 e 2015, 7,7% dos estudantes do 9º ano evadiram da escola, marcando a terceira maior porcentagem. Porém no ensino médio, os dados revelam que 12,9% e 12,7% dos alunos, respectivamente do 1º e 2º ano, evadiram a escola, chegando a 11,2% no total de alunos nessa etapa de ensino. Os dados trazem à tona um alto déficit de pertencimento e acolhimento estudantil, que muitas vezes, ou não veem sentido e interesse para permanecer no ensino regular, ou abandonam a educação por pressões sociais e/ou financeiras.

Poderíamos recuperar a motivação, a superação da dualidade emoção-razão e a renovação educacional se os líderes e mediadores do ambiente educativo dessem uma maior vazão à dimensão emocional de formação humana, em contraponto a menos incentivos em demasiados racionalismos tecnicistas? Em vista disso, a possibilidade metodológica de uma educação em prol do autoconhecimento e do desenvolvimento sócio emocional mostra-se promissora a uma ressignificação do ambiente escolar, mas que esse não está desvinculado ao saber cognitivo.

Castrogiovanni (2000) dialoga sobre isso quando aborda que os significados do ambiente escolar, muitas vezes são puramente acadêmicos e distantes da realidade dos educandos e até mesmo dos próprios professores. Ao passo que complicadores sociais vão se formando com o passar do espaço tempo e a educação aparenta não acompanhá-lo.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências (CASTROGIOVANNI, 2000, p.13).

Portanto, se levarmos em consideração a *importância da educação socioemocional e seu impacto na aprendizagem*, veremos o qual enriquecedor poderemos tornar a rotina geoeseducativa¹. Pois à medida que respaldamos essas

¹O termo geoeseducativo parte de uma releitura do *Turismo Geoeseducativo* proposto por Oliveira (2006, p. 14; 2009 p. 158), que ensimesmo, traz uma concepção de interação dos estudantes com os lugares, partindo de sua afetabilidade àquilo que é atrativo ou repulsivo através dos sentidos.

dimensões do saber com vivências e atividades geográficas que dialogam com a nova estruturação da aprendizagem da BNCC, colocaremos em cheque as dualidades que cerceiam desenvolvimentos cognitivos sobrepostos aos socioemocionais. Visto isso, o Núcleo de Trabalho Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS), projeto piloto do Instituto Aliança (SEDUC), mostra-se como um percurso integrativo entre os saberes socioemocionais e cognitivos, confluindo em uma proposta de aprendizagem mais dinâmica e interativa.

Em resposta a isso, vemos aqui uma proposta de agregar as micro situações do cotidiano como prerrogativa geográfica das habilidades socioemocionais, pois o ensino de Geografia pode ser permeada por códigos e símbolos do presente, capazes de desenvolver novas dimensões e saberes, tendo em pauta as percepções do próprio sujeito no espaço/tempo geográfico. Assim o Ensino Remoto Emergencial (ERE), durante as regências de estágio em Geografia, trouxe à tona a afetividade como uma condutora de abertura às experiências de um geoducção socioemocional durante a pandemia. Dessa forma, a abertura integrativa da Geografia com outras tecnologias e ciências, além da exploração das múltiplas realidades individuais e sociais, pode ser uma forma de fundamentar esses saberes como aparato seguro e de transformação dialética da própria realidade.

E como fruto dessa necessidade de desenvolver essa geograficidade² capaz de imbuir sentidos, afetos e significado, surge uma Geografia Das Emoções como expressão das espacialidades, pois a carência em perceber as ações individuais como impulsores de uma renovação social, mostra-se como aliado a exploração de uma Geografia escolar das emoções. Portanto, desenvolver essa autoconsciência, muitas vezes simbólica, no âmbito escolar, pode vir a incidir essa lacuna que é reconectar os indivíduos a todos os processos de aprendizagem integral ao cotidiano.

O principal eixo desta pesquisa será investigar as possibilidades estruturais de uma Geografia Emocional Escolar (GEE) tendo como base norteadora as

² Termo usado por Eric Dardel (2011), revelando a relação concreta que liga o homem com a Terra, representada pelos vínculos afetivos de origem ao conhecido e desconhecido. Para ele *“Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva”* (p.1). Portanto a geograficidade é a primeira proposição intrinsecamente humana de Geografia.

habilidades socioemocionais. Bem como também, usufruir de práticas geoducativas integradas como materialização de um Geografia Escolar libertadora. Em segundo plano, devemos desenvolver um debate acerca das Geografias Emocionais frente às diversas relações simbólicas nas práticas da Geografia Escolar, entrelaçando o ambiente, o corpo e a experiência. Bem como também, experienciar as diversas possibilidades de desenvolver a GEE através da afetividade na experiência do ERE durante a experiência de estágio.

Se explorarmos as possibilidades estruturais de uma Geografia Emocional Escolar, expandiremos então a ação geoducativa como prática integradora e libertadora. Concomitante a isso, ao apoiarmos as habilidades socioemocionais curriculares no processo de educação geográfica emocional, podemos consolidar uma abertura ao empoderamento estudantil, o que pode levar a um maior engajamento social e individual escolar através do ambiente geoducativo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

As Geografias Emocionais partem de uma corrente que une a psique e a Geografia no processo de reconhecimento da própria experiência do indivíduo com e no mundo. Andreotti (2013 p.102) deixa posto que essa tendência “ *quer evidenciar os valores culturais e significados atribuídos aos lugares, assim como eles são percebidos e gerar visões e imaginações*”. Nesse pensamento, a Geografia Escolar das Emoções apoia-se nas percepções, sensações e identificações que nascem do imaginário discente, crescendo como forte contribuinte na percepção da própria realidade e da valorização da diversidade de saberes e sentidos sociais.

Em paralelo a isso, é evidente que a Geografia Emocional escolar é uma proposta de consideração investigativa das diversas experimentações de análise do objeto, ao passo que considera uma pluralidade de experiências como parcelas construtivas a uma realidade total. Dessa forma, as habilidades socioemocionais propostas oficialmente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, estimulam os saberes geográficos como propulsores, fundamentando então a necessidade de uma visão simbólica dos fenômenos.

Percebemos a evidência do caráter exploratório da pesquisa, pois há pouco conhecimento da área, vide que cresce apenas nos últimos anos. A abordagem metodológica é quanti-qualitativa, pois tanto recorre a dados coletados na EEFM DOUTOR CÉSAR CALS (EDCC) quanto auxilia na fundamentação dos fenômenos, dispondo de uma tradução e expressão que dá sentido aos processos aqui descritos (CARVALHO, 2011). Além disso, há fortes traços de uma abordagem documental e analítica, pois fazemos uso de leituras renovadas de uma Geografia Emocional Escolar, bem como também, é empírico se considerarmos a aplicação de experimentos na EDCC.

Para realizar o estudo foram necessárias 8 etapas metodológicas, são elas: 1) Levantamento de referências; 2) Contato escolar; 3) Participação ativa; 4) Planejamento ; 5) Replanejamento para ensino remoto; 6) Regência síncrona e assíncrona; 7) Questionário; 8) Sistematização e apresentação dos resultados.

A aplicação das habilidades socioemocionais é uma prática permanente na EDCC, em Fortaleza, no Ceará. Dessa forma, esta escola foi escolhida para basear a análise da pesquisa em questão, pois em especial, o Núcleo de Trabalho Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS), vinculado ao Instituto Aliança (SEDUC), torna possível a educação socioemocional e humanista, além de conversar integrativamente com a Geografia e demais áreas exatas e de humanidades.

O primeiro passo na pesquisa foi dado pela leitura de temáticas relevantes ao âmbito sócio emocional geográfico. Após isso houve o contato com a rotina escolar, o bairro circundante, as ferramentas, os documentos, o corpo docente e finalmente as turmas de regência, correspondentes a duas turmas do 3º ano do ensino médio em Geografia e uma do 2º ano em núcleo. Inicialmente o contato com o ambiente escolar foi suficiente para a expansão das referências bibliográficas voltadas ao ensino, pois o envolvimento entre o professor e os alunos, especialmente no núcleo, foi suficiente para questionar onde a Geografia Escolar e as emoções se encontram.

O primeiro contato com a escola tendo em vista o filtro emocional presente nas relações, formou a terceira e a quarta etapa da evolução da pesquisa. Pois, a partir desse contato com os alunos durante as regências do professor titular, foi possível levantar questionamentos sociais e emocionais dos alunos frente a temática que estudamos em fevereiro de 2020, que nesse caso específico, foi globalização, economia e geopolítica.

Ainda em formato presencial, foi possível perceber a mudança de postura quando a fala tratava-se de conceitos estruturalmente postos, e quando carregava esses conceitos experienciados pelo cotidiano, sendo que no segundo, é notório uma maior apropriação e firmeza de postura e opiniões. Tendo em vista isso, um planejamento colaborativo foi feito tendo em base os temas de maior dificuldade das turmas, em contrapartida de aplicações socioemocionais destes.

Contudo em março de 2020 não só a escola quanto o mundo passaram por uma situação inusitada, que obrigatoriamente impõe essas competências na prática. A COVID-19 e o isolamento social marcaram a necessidade de abertura às novas tecnologias de comunicação, e as aulas remotas, configuraram um novo

parâmetro escolar, o do ensino remoto emergencial. Esse fato reconfigurou todo um planejamento pensado no contato e envolvimento social presencial, mas que por uma necessidade global, se remodelou ao plano digital, conforme as recomendações comunicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Visto isso um replanejamento foi imprescindível, uma vez que atividades síncronas e assíncronas eram novas para educadores e educandos de forma geral, mas essa situação ao invés de atrapalhar, serviu de comprovação que a abertura ao novo, resiliência emocional, foco e conscienciosidade, são indispensáveis para a educação.

Dessa forma a análise das transformações do espaço escolar na EDCC, antes e durante a pandemia, revelam uma real importância na implementação socioemocional na rotina escolar, pois se houvesse uma maior atenção a essas capacidades, talvez o ERE fosse menos dificultoso. Nesse caso o planejamento de atividades assíncronas capazes de despertar essas competências, mostram-se como solução parcial para atingir 100% do público escolar.

Ainda nesse viés, as regências nas aulas de Geografia deram-se de forma síncrona e em reuniões online nas sextas feiras. Isso traz o desafio sistemático de desenvolver a Geografia Emocional Escolar a partir do imaginário simbólico, pois se levarmos em consideração o contexto do isolamento social, as espacialidades se reduzem a uma escala mais íntima, a do lar, bem como na redução e/ou ampliação do espaço escolar, que se re-configura em um recorte de lugar variante de estudante para estudante.

As atividades com as turmas de geografia aconteceram de 15 em 15 dias em revezamento com o professor titular, completando 4 regências em um período de 2 meses. As aulas tiveram temas voltados para a atualidade e que despertassem a subjetividade e opinião dos alunos, foram eles: geopolítica, urbanização, queimadas e aquecimento global. Apresentações com vídeos, mapas cognitivos, reportagens, imagens, gráficos e mapas marcaram as aulas síncronas, e em cada uma delas, as habilidades inter e/ou intrapessoais eram trabalhadas concomitantemente e de forma experimental.

No caso das atividades assíncronas, foram desenvolvidas de acordo com os temas de vivência, envolvendo uso de reportagens, posts em redes sociais,

redes de satélite, documentários, fichas técnicas de bairro e citações de autores e personalidades que estavam envolvidos nas problemáticas, bem como também, outros materiais audiovisuais. Tudo de acordo com o grupo em plataformas como google classroom, além de também obter opções que não precisam de internet.

Assim como explorado por Libâneo (2011, p.6) “*Às questões de aprendizagem seriam resolvidas com a tecnologização do ensino*” pois essa tendência às novas tecnologias de ensino propõe uma renovação do papel do professor na sala de aula, deixando posto a necessidade de uma mudança na atitude docente. Deste modo ou a escola se adapta às novas tecnologias de ensino, ou ela sucumbe ao desinteresse dos estudantes. Visto isso, as mídias audiovisuais de comunicação e informação impulsionam diretamente a compreensão crítica dos conteúdos da aula de Geografia durante o Ensino Remoto Emergencial, visto que todos estavam em casa (local) mas também na internet (global).

Em meados de outubro foi lançado um questionário online, na qual os estudantes do terceiro ano responderam sobre os diversos caminhos que cruzam a Geografia, as emoções, o cotidiano e as habilidades socioemocionais. Foram 12 questões de múltipla escolha e 2 com respostas abertas, para garantir que houvesse uma livre expressão de ideias seja um dos pilares no desdobramento conceitual desta pesquisa, bem como basear os conceitos segundo a vivência na escola DOUTOR CÉSAR CALS.

O contato é essencial para o desenvolvimento desse parâmetro do Ensino de Geografia, mas ele não se reduz ao presencial, visto que a informalidade mantém a confiança e o retorno do público. O ensino remoto demanda muito mais dessa subjetividade para a interação nas aulas. Assim, o falar e o ligar a câmera durante o ERE é raridade quando se estreita ao conteúdo, mas se este vem encenando os processos em comum, a barreira do silêncio digital se quebra e os assuntos surgem naturalmente, revelando as geografias pessoais.

Os sentimentos íntimos nascem, talvez, da vulnerabilidade e fragilidade do homem, mas quando o sentir é comunicado e compartilhado, o isolamento individual se rompe e o homem se une ao universo, utilizando e organizando os espaços humanos e os contextos ambientais (RIMÉ, 2008, Apud FURLANETO, 2014).

Os eixos temáticos que norteiam esse trabalho variam desde plataformas digitais, como o site oficial do Instituto Ayrton Senna até livros e trabalhos acadêmicos relativos à temática da pedagogia, psicologia, ensino de geografia, geoeducação e geografias emocionais. Destacam-se algumas palavras que direcionam a pesquisa, são elas: Geografia Emocional Escolar; Geografias Emocionais; Habilidades Socioemocionais.

A interpretação de dados da EDCC mostra uma realidade ímpar de estudantes que trabalham diretamente as competências socioemocionais através do ERE e do NTPPS. Sobretudo isso indica uma forma de demonstrar os trâmites dessa Geografia Emocional Escolar e suas potencialidades no investimento formativo de educadores e educandos.

3 A GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES COMO EXPRESSÃO DAS ESPACIALIDADES

Dentro do ramo da neurociência não há um consenso de uma definição exata do que seriam as emoções, mas para Lecointre (2007) é sabido que há várias perspectivas que interagem entre si, sejam elas genéticas, moleculares, comportamentais ou até subjetivas. Contudo para a autora, o corpo é uma fonte que expressa o emocional a partir do encontro do interno com o externo. Entretanto para ciência, historicamente há uma dificuldade ou até uma falta em categorizar as emoções, isso por conta do movimento de materialização do que seriam esses fenômenos mentais. Essa pauta vem desde o século XVII com René Descartes questionando as dualidades entre corpo e mente, e segue sendo um debate multidisciplinar atual que corre para sentidos divergentes, mas que, no fim, partem de questionamentos mais existenciais que materiais.

Estudos recentes da neurologia apontam a aproximação das emoções com as tomadas de decisões, estimulando o córtex pré frontal. Simultâneo a isso, pela psicanálise de Freud, as experiências seriam moldadas pelos afetos, sendo elas, fluxos energéticos que seguem a simbologia da mente em respostas às experiências de contato individual. Assim, a questão que intermedia as duas vertentes é que a maneira como somos afetados subjetivamente, por algo ou alguém, permite que o corpo associe esse contato ao conjunto de sensações e movimentações fisiológicas. Ou seja, a maneira como somos afetados pela realidade apresentada, incita ligações neurais, resultando em emoções como uma forma de resposta física.

Levando em consideração que vivemos em uma realidade globalizada, onde somos bombardeados de informações e experiências que agregam ao arcabouço mental, percebemos que os vínculos socioafetivos determinam os caminhos e escolhas a seguir. A sociedade como conhecemos, parte então de signos e significados, estimulando o global e agindo no local. Essa interação de fenômenos antagônicos salientam a consciência simbólica dos indivíduos, que no dia-a-dia, constroem as formas da vida como conhecemos, modelando os espaços de convívio a partir do corpo individual, que encontra-se ao coletivo.

Dessa forma, para descobrir a realidade como é, precisamos experimentá-la pelo corpo, pois a vida não é tão simples e nem mostra-se ensimesma. Em suma, Silva (2019) traz a Geografia das Emoções como uma proposta que debate a importância da dimensão subjetiva, que mesmo não sendo material ou palpável, é fundamental para nossas vidas. Deste modo a relação entre o local e o global traduz-se no corpo emocional, e desse geram-se as ações, portanto as espacialidades nascem da sobreposição de constantes coletivas em fragmentos individuais e subjetivos.

Na mesma obra, Marcia da Silva traz a perspectiva relacional do EU-OUTRO ou do EU-LUGAR, através da expressão da realidade pura em sua função representativa e significativa pessoal. Visto isso, o olhar geográfico dos indivíduos oferece a compreensão e ação no espaço, que parte da imaginação e da sensibilidade emocional, flexibilizando a Geografia em seu campo teórico, que muitas vezes, reduz os fenômenos espaciais e excluem essa experiência.

A vida, em essência, é emocional e espacial. Interagimos emocionalmente com os lugares e experimentamos emoções específicas em diferentes contextos geográficos. Imbuímos os lugares de significados, que retornam a nós através das emoções que nos despertam. Vivemos paisagens emocionais que não são apenas tangíveis, mas também construções sociais e culturais impregnadas com um conteúdo intangível denso, muitas vezes apenas acessível através do universo de emoções (NOGUÉ, 2009. p.95).

O autor acima traz a tona que ao pensarmos o espaço ou o lugar geográfico, as impregnamos com compreensões, saberes e significados individuais, que ao encontrar os conhecimentos coletivos e estruturais, torna-se científico, pois ramifica os pensamentos a partir das necessidades. Essa análise parte de um sistema mental pré-estruturado, que ao encontro metodológico do percurso, traça rumo a uma transformação do pensar geográfico, sugestionando parte do objeto em como ele se apresenta ao observador.

Este sistema cresce na confluência de três habilidades socioemocionais e cognitivas, são elas a compreensão teórica das origens e tendências históricas, a autorreflexão memorial dos valores e saberes inerente às crenças, e a cooperatividade experimental, que transforma os anteriores partindo da prática no campo, além do contato com os fenômenos como são. Essas faculdades

comunicam-se com a cognição e estimulam os espaços afetivos e sociais do pesquisador.

Silva (2016) afirma que a relação individual com o espaço advém da mente racional (histórica e simbólica) que se relaciona com as emoções, trazendo identidade aos lugares e contribuindo na manutenção da sociedade através da cultura. A relação transpessoal do corpo com o espaço subentende a experiência, portanto estimula as ações e origina diversas espacialidades. Dessa forma, as micro situações de deslocamento, identidade, trabalho, religião, escola, internet, família, exclusão e outros, modelam peculiaridades espaciais a partir da comunicação, da arte e da linguagem. Portanto a Geografia agrega na conceituação, na teorização e na experimentação das emoções, pois a leitura sensível dos lugares e construção dos espaços nascem nas emoções e compõem as paisagens.

A realidade cartesiana das ciências torna-se aquém das necessidade de envolver a subjetividade dos indivíduos, pois o ser, o fazer e o conhecer, possuem uma dinâmica de interação interdisciplinar, produzindo culturas e filosofias. A ideia das Geografias Emocionais não é dissecar as emoções em si, mas entender como as relações do indivíduo são transformadas pelo social, pelo espacial e vice e versa.

A fenomenologia traz esse cunho imaterial, que por sua vez, é importantíssimo para pensar o espaço vivido como produto ideológico, que nada mais é que o espaço em movimento. As pessoas acompanham o deslocamento temporal e se adaptam passivamente, o mundo vivido muda, portanto o ser no mundo, ativamente altera a forma como percebe o espaço, e através das experiências, transformam, escolhem e apropriam-se dos lugares. (SILVA, 2018)

A mente é intelecto mais emoções, refletindo-se no corpo físico pela personalidade, outrora esse corpo físico torna-se campo de ação no mundo, construindo a realidade. Consequentemente, no campo da educação o plano dos conceitos e da disciplina partem do que supomos como o mundo teórico ou das ideias, já as práticas do cotidiano, apoiam-se no plano da existência. Entretanto, não há como sustentar uma educação significativa sem a vontade, a ação e a motivação, o que surge aqui, sendo o campo emocional.

Em paralelo a isso, a GEE deve ser percebida por professores e alunos na construção do ambiente escolar, mas outros agentes de construção como a família e os gestores também devem perceber as nuances emocionais no plano do saber. Dessa forma afastaremos a ideia das emoções como algo ruim, e através dessa análise das emoções como espaços ativos, poderemos cientificizar esses processos, agregando-a ao pensamento simbólico da Geografia.

A escola deve ser vista também a partir do patamar trazido pela tríade apresentada pela imagem 5, pois é palco das diversas relações emocionais envolvendo indivíduo-espaco-sociedade, pois configura-se como um reflexo de identidade. Adolescentes são o rosto das novas gerações sociais, então de certa forma, para entendermos os rumos ideológicos e psicológicos da sociedade, precisamos entender os jovens. Essa necessidade traz à tona a riqueza de interseções e interações das geografias emocionais aplicadas à educação.

Cada uma dessas forças abaixo contribui para a construção da realidade através do psico sensoriamento, que parte da tríade IDEIA-EMOÇÃO-EXISTÊNCIA, mas que se entrelaça as espacialidades como elo de ligação entre os conceitos.

Figura 1:Tríade das espacialidades emocionais



Fonte: Elaboração própria

Em suma, as espacialidades são a ponte que interliga os eixos, e esses por sua vez, não devem ser pensados separados, mas integrados a partir das individualidades. Porém as tendências são variantes de acordo com o indivíduo, que como espaço ativo, constrói uma cultura a partir de suas vivências. A

existência tratada aqui parte mais da essência humana em relação à realidade externa. Essa ligação compõe o mundo percebido e seus modos de uso, ligando as pessoas aos lugares, e percebendo o corpo como fonte bilateral - ativa e passiva - pois à medida que o corpo se relaciona com a realidade, essa também o transforma, pois o sujeito também é espaço.

Essa forma de espacialidade converge entre esses três macrofatores, cada qual contendo frações múltiplas do movimento tempo-espaço. Certamente as emoções são como o corpo percebe a experiência, a existência é o espaço natural em contato com certos arranjos essenciais, já a ideia é portadora da evolução histórica, do conhecimento e das memórias racionais (FANI,2007.SANTOS,1988).

Nesse parâmetro, Nogué (2015) afirma que o lugar contém e transmite emoções, pois apesar de parecer imóvel, ele não é, dado que acompanha as transformações socioemocionais da sociedade. A memória individual e coletiva tem seu valor enquanto construção do real, pois o imaginário não é apenas temporal, mas sobretudo, são fenômenos espaciais que fragmentam uma realidade coletiva. A Geografia historicamente se aproxima das emoções através dos conceitos estruturais de paisagem, lugar e espaço, pois através da leitura polisensorial, seja pelos sentidos, intelectos e emoções, constroem elementos tangíveis e intangíveis que acompanham o pensar geográfico.

Desta forma as coisas ao nosso redor estão carregadas de significados e nostalgias, que ligam-se aos lugares e à paisagem. Vemos isso na fotografia, no cinema, nas redes sociais, na literatura e em diversos outros que incitam a ligação entre os saberes científicos e a memória pessoal; seja ela as savanas africanas com o desenho do Rei Leão, por exemplo, ou seu pé afundado no mangue em uma aula de campo, os sentidos e experiências individuais enriquecem as vivências sociais. Essa relação de mão dupla entre as nossas projeções memoriais, que lêem e descrevem a paisagem, em contraponto a paisagem que ao contemplá-la e vivê-la nos desperta afetos e emoções, dão base para que as geografias pessoais se sustentem (LUNA e VALVERDE, 2015).

A identidade é formada por encontros, desencontros e reencontros, e o sentir provoca um posicionamento interno e externo, que como ponte, interliga as

peças aos lugares. Os territórios emocionais funcionam como aliança entre o ser existencial e o ser geográfico, caracterizado por processos éticos, sociais, ambientais e tecnológicos, que consolidam-se nos costumes comunitários. Viver infere o afeto, partindo dos trâmites do vivido, e isto é relacionar-se com as coisas, os sentidos, a linguagem, os lugares, e principalmente, quem ou o que os representa.

As categorias geográficas do cotidiano que aprendemos na escola, carregam essencialmente os signos emocionais, pois as formas do vivido conduzem os sentimentos e os afetos, portanto a Geografia por referir-se ao discernimento da realidade, deve também expandir-se aos debates emocionais. Trata-se por sua vez de uma psicogeografia pessoal e social, que ao contrário do que pensam ser uma distorção do real, na verdade mostra-se como uma fração social. É certo que a sociedade cada vez mais menospreza o valor emocional, o que resulta numa desmotivação até política e pública, que geometrizava a experiência, mas que traz às geografias emocionais, a oportunidade de fortalecer e cientificar a subjetividade (NOGUÉ, 2009).

Furlanetto (2014) sustenta a ideia de que as emoções incorporam o espaço-lugar, desvendando o emocional e o cognitivo, vindo a mesclar as sobreposições geográficas em seu sentido integrativo. Nessa perspectiva, podemos analisar a Geografia para além dos olhos, mas em seus diversos sabores, odores e sons, que em um panorama fenomenológico, fomentam um processo cultural complexo, que envolve valores e significados. “Quanto maior a bagagem cultural de um indivíduo - (...) aqueles ligados à razão e à emoção - mais amplos são seus horizontes de percepção e compreensão do mundo” (FURLANETTO, 2014. p.95).

Os lugares estão impregnados de humanidade e de paixões, e sob essa luz devem ser compreendidos, analisados e planejados. (...) Assim, as geografias são tecidas de emoções, tantas geografias pessoais que convergem para a esteira da história social, vivida e construída pelos indivíduos sobre um projeto e sonhos comuns (PERSI, 2014, apud FURLANETTO, 2014, p. 200 e 212).

Tomando a perspectiva de que os homens são agentes culturais, Smith, Cameron & Bondi (2016) na obra “*Geography and emotion - emerging constellations*” ressaltam o potencial das geografias emocionais em exercitar o

imaginário geográfico, pois a partir das pequenas reflexões sobre o mundo, percebemos a realidade coabitando entre meios termos, que em si, nem é em todo objetivo e nem subjetivo. A saúde mental individual corresponde a uma parte, que encontra-se a outra no âmbito social-político, intercedendo com coesões e emoções sociais. Decerto que algo do mundo que os geógrafos tentam descrever, foge de seu olhar, o que ressalta a falta em entender cada reação do dia-a dia como ações geografizadas. O luto, o cancelamento, a indignação, a saudade e outros, têm sua marca emocional carregada de geografias, e como elas afetam os sujeitos e lugares de formas distintas. O que torna, então, a Geografia Emocional, sem dúvidas é sua capacidade de criticar e reconstruir sua identidade a partir do que se tem.

A necessidade de se pensar a influência das emoções e suas espacialidades, demonstra uma carência social de quebrar o individualismo que fere as relações, e que nega o conhecimento do próprio corpo e suas funcionalidades. Seguimos como uma sociedade que privilegia o ter ao invés do ser, e isso resulta numa discrepante desigualdade social, que culmina em relações descartáveis e prejudiciais à manutenção da ética. As pessoas se veem diferentes, mas carregam emoções semelhantes, mas que apesar das distintas reações, somam um todo articulado e multifacetado, assim como as ciências.

As pessoas devem ser educadas a perceber o espaço que cada uma carrega em si, seus valores, suas marcas, seus sentidos e emoções, todas elas compõem nossa construção no mundo, e a falta de perceber-se no outro, é uma consequência de não conhecer a si mesmo. Transmitir, receber e perceber o afeto, nos ajuda a simplesmente não ser arrastado pelas mudanças, mas corroborar com elas.

O cotidiano requer uma visão holística dos geógrafos, e esse não é cartesiano como as coordenadas, mas é percebido e produzido por meio de atividades socioemocionais. Pode não ser explícito, mas mesmo os dados, os levantamentos, as cartografias e demais áreas físicas exatas, ainda são imbuídas desse teor afetivo-emocional, pois é inerente aos humanos, que as constroem, muitas vezes, alheias ao próprio ser.

A corporeidade tem esquecido de seu papel espacializador que incorpora a Geografia da percepção e dos movimentos. O vivido é um produto psicológico que torna todos os seres em geógrafos, e essa postura é emocional, pois parte dos atos de construção do indivíduo em reforma da própria realidade. É vital a teorização das pulsões humanas³, que como impulso natural, traduz nossa ancestralidade e historicidade, estabelecendo um maior dinamismo na sociedade.

O que é então o espaço do homem? É o espaço geográfico, pode-se responder. Mas o que é esse espaço geográfico? Sua definição é árdua, porque sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social (SANTOS, 1978, p.151).

Milton Santos (1978) debate sobre as dificuldades de definir o objeto geográfico, isso pelo caráter interdisciplinar da Geografia, que corresponde à realidade em uma totalidade que encontra-se em constante mudança. O autor postula que o mérito dessa interdisciplinaridade é trabalhar no interior de uma ciência particular, que ao entrar em contato com as outras, abre caminhos para outros compartimentos do saber. Para o teórico, esse espaço é a conjunção de algo analítico, que atravessa o tempo em um esquema intelectual construído uniformemente, já o espaço humano, parte da existência e da construção social, que historicamente, comunicam-se por símbolos do imaginário.

O espaço é então um metamorfo geográfico, que atravessa a humanidade em um amálgama de atos e reações. Por conseguinte, pensar as emoções em paralelo às formas espaciais é desafiador, a vista de que, propõe o intermédio entre o relacionamento do homem com as coisas e as pessoas, mas também do homem consigo mesmo. Sem pender a um lado, como sair da teorização para o campo prático? A resposta está na educação, que deve formar sujeitos conscientes e capazes de gerir seus atos, despertando para as mudanças da sociedade, envolvendo-se com a sua comunidade, conhecendo suas emoções e tendo a capacidade lógica de discernir sobre seus próprios caminhos

³ O conceito freudiano de pulsão advém da “*medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corporal*”. Ou seja, as pulsões são forças que impulsionam a representatividade interior através do aparelho mental. (FREUD, 1967, p. 214 apud HONDA, 2011). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200012.

A escola hoje, é o cenário perfeito para uma transformação social de base, que eduque indivíduos a aprender a se relacionar, mas que ao invés disso, reduz sua capacidade a um simples decoreba de informações sem uma utilidade perceptível ao seu público. Para que haja relacionamentos lúcidos, entre eu e o outro, eu e a natureza, eu e a tecnologia e eu comigo mesmo, é preciso abraçar pautas de caráter social e emocional, pois para que haja motivação é preciso antes o pertencimento.

3.1 Por uma Geografia Emocional Escolar: Pessoas, lugares, sentidos e identidade.

Certamente se as geografias emocionais correspondem a leitura sensível dos lugares. Pensar a escola como um lugar, ou um não lugar, é perceber os diversos sentidos que a compõem. As emoções e afetos dos estudantes projetam e lugarizam a escola, portanto, a exemplo disso, se os indivíduos vivem à mercê da violência social, logo a sala de aula tornar-se-a um ambiente agressivo ou, muitas vezes, monótono se comparado às vivências. Agora se há uma violência doméstica, normalmente temos indivíduos que, ou as reproduzem através do bullying, ou tornam-se introspectivos e cabisbaixos. Esses são padrões, mas não representam a totalidade, podemos ter adolescentes extrovertidos mas com pais rígidos, ou um jovem que vive de perto a violência, mas que deseja a mudança.

É lúcido, pois então, que as emoções têm seu caráter construtivo e destrutivo na transformação da própria realidade. Se tomarmos a raiva como exemplo, em uma situação de desapropriação de terras ou de desigualdade, esse pode ser o melhor propulsor na garantia dos direitos básicos de luta pela liberdade de viver e ser. Agora se a intensidade da raiva a tornar ódio ou inquietação, os atos e reações podem ser destrutivos a causas que até podem ser genuinamente nobres.

A educação, por sua vez, deve incentivar uma mente calma e empática, para que problemas como a ansiedade ou a depressão, possam ser debatidos na base do desenvolvimento humano. Claro que, a reeducação emocional e social não é imediata, às vezes chega a demorar muito. Entretanto uma forma saudável

de trabalhar isso a curto prazo, é debater a conscienciosidade abertamente, e entender quais pensamentos e ações são construtivos aos relacionamentos.

São muitas possibilidades que podem parecer complexas ou até invisíveis, mas que se dissolvem ao ato de escutar e agir significativamente. Não é sobre professores questionarem os problemas psicossociais dos alunos, mas de compreender os padrões sociais e trazê-los à tona. Não podemos mudar suas mentes, mas podemos educá-los a atuar frente às adversidades. Desse modo poremos em prática as habilidades sociais e emocionais, dado que a autopercepção é o primeiro passo para uma educação libertadora.

Se observarmos bem, nossas geografias pessoais e internas - memórias e símbolos coletivos e individuais - detém grande parte do incentivo às lugarizações e atitudes que tomaremos ao decorrer do dia. Se um aluno carrega com ele o luto, certamente ele verá sua dor emocional compondo a escola, agora se a alegria de um emprego novo tomar de conta do seu corpo, possivelmente transbordará ações de bom ânimo em tudo que fizer.

Cabe aos educadores serem capacitados a humanizar a educação de tal forma, que apartam-se do centro educativo para serem aqueles que proporcionam ambientes educativos. As pessoas só acreditam naquilo que faz parte de suas vidas, que elas possam conceber como o real, e hoje a ciência encontra-se invisível proporcionalmente ao tanto que invisibiliza. A raiz disso é o preconceito científico de agregar uma sabedoria que vá além do racional e do cognitivo, e essa negligência finda em um crescente negacionismo científico.

Pensemos então o exemplo do Núcleo no segundo ano da EEFM DOUTOR CÉSAR CALS, na qual é debatido as diversas funções e ações da comunidade ao entorno da escola. Em uma outra escola hipotética, envolvida de violência direta, desenvolver trabalhos voltados a pensar o crime e a violência pode ser problemático, mas que facilmente pode ser contornado debatendo pautas raízes como: desigualdade social, emprego, moradia, exclusão e outros. Essas temáticas conversam sobre a origem do que seria uma área marginalizada, então conduziria um projeto de pesquisa que levaria o estudante a pensar por si só sua realidade, mas que indiretamente, conversa com a realidade do vizinho.

Qualquer conceito geográfico pode ser aprimorado ao patamar emocional, isso se levamos em consideração a individualidade dos sujeitos a um contexto social inserido estrategicamente. Não adianta apenas tornar os livros didáticos atraentes e “teens”, precisamos tornar a educação visivelmente eficiente a pautas psicossociais, existenciais e de função prática ao cotidiano. Se os estudantes compreendessem o quanto sua existência está ligada a do outro, a escola seria um ambiente de construção e expressão social mais acolhedor.

Homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper esta aderência e ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo (FREIRE, 1981, p.53).

A unidade dialética entre subjetividade e objetividade, prática e teoria e consciência e ação, não se faz mecanicamente, mas estando e sendo o mundo concomitantemente. Apenas teorizar a realidade é aquém de uma geoeeducação transformadora, pois nesta última, a ação de transformar o cotidiano requer impregná-lo de uma presença criadora, que deixa suas marcas e emoções por onde passa. É a partir da autorreflexão que ajudamos o estudante a ajudar-se, transcendendo o individualismo e respondendo aos desafios de integrar-se à própria essência. A Geografia Emocional especificamente, permite pensar essas lateralidades que constam no que é real, sacrificando a acomodação e libertando o sujeito dos padrões reprodutivos. O estímulo instrutivo, prazeroso e livre é capaz de ressignificar as geografias interiores (FREIRE, 1981 e 1967).

Aprender a descobrir os sonhos, limitações e pulsões, é uma proposta primordial, que faz parte hoje, do currículo de diversas escolas de Fortaleza, incluindo as com disciplinas eletivas e de tempo integral. O Núcleo do primeiro e terceiro ano da EDCC - abordando saúde escolar no 1º e carreira e identidade no 3º - estimula o autoconhecimento de adolescentes em uma fase importante da vida, a de maturação da personalidade e sexualidade. Adolescentes são emocionalmente ativos por uma ânsia de descobrir o próprio mundo, mas em uma

intenção de formar laços sociais partindo de um ideal cultural, influenciado por seus ídolos.

Enfim, o laço fraternal, que está na raiz de todo laço social, parece ser claramente reafirmado em inúmeras formações grupais constituídas pelos adolescentes nas grandes metrópoles contemporâneas, seja através dos poemas em forma de rap, seja sob a forma de mensagens gráficas pixadas sobre os muros, ou simplesmente por diversas outras experiências cotidianas compartilhadas. Dessa forma, podemos supor que, na fratria, os adolescentes podem contribuir para uma possível renovação e reafirmação do laço social, ainda que em pequenos nichos, o que transcende às questões tipicamente adolescentes (COUTINHO, 2005, p. 22).

Ao invés de negligenciar as emoções dos adolescentes, devemos então aproveitar esse ideal cultural para estimular as geografias sociais dos jovens, que compilam diversas tendências e influências em seu próprio corpo. Na contemporaneidade, a crescente persuasão das mídias digitais em tornar jovens, que antes anônimos, agora viram estrelas da internet na produção de memes e vídeos, pode ser uma boa oportunidade de pensar a Geografia das redes sociais. Veja que também jogos, músicas e séries têm sua função de manutenção social, pois os jovens moldam suas opiniões tendo em base isso.

Em diversos ambientes podemos perceber as influências geográficas, basta estar atento às novas tendências culturais. Educar indivíduos a consumir conscientemente os ideais tecnológicos, é fazê-los tomar consciência de como ele e os seus, são afetados por suas referências, bem como também, a força social que as dão. As plataformas digitais também são um lugar, promovendo diversas ações e reações, sejam elas agregadoras ou condenatórias, mas que condicionam pensamentos e novas tendências, e vendo isso, podemos nos opor a intensa massificação tecnológica, ou unir-se a elas.

Quando percebemos os espaços geográficos secretos, fazemos emergir uma nova percepção da Geografia humanista, como já pautada através da Geografia feminista, da psicogeografia e das não representacionais. Todas essas têm um viés de percepção dos sentidos e sentimentos, pois promove um novo cenário para os geógrafos, bem como, responde problemáticas imprescindíveis às mudanças da sociedade.

Estamos sendo influenciados a todo tempo por uma rede invisível de paradigmas, e à medida que resolvemos alguns, aparecem outros, e isso é natural das modificações da sociedade. A identidade é formada por encontros e reencontros, e essa dicotomia paradoxal reformula valores e comportamentos.

Portanto, estabelecer novas escalas ao pensamento espacial, faz-se eficaz para consolidar a Geografia como um saber válido e que acompanha as nuances temporais. Não é diferente no ensino de Geografia, que talvez seja o ambiente onde mais se debate sobre as geograficidades, porém que se perde ao ceder a tendência hierárquica de comprimir-se a um conhecimento reprodutivista e descritivo. Se estivermos atentos, perceberemos que situações habituais podem ser geografizadas de tal forma, que será possível entender os padrões globais.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BNCC, 2017 p.14).

Nesse contexto, as habilidades socioemocionais são formas de reconhecer e trabalhar as diversas tendências sociais e culturais, que relacionam-se de forma peculiar e complexa dentro de uma única sala de aula. Despertar os alunos para o relacionamento interno e externo dessas informações e códigos, é deveras positivo em sua formação como sujeitos sociais. Cabe à escola estimular o reconhecimento das emoções como propulsores de ações coletivas, para que possamos discernir até que ponto agimos ou reagimos a questões latentes de nossa própria existência.

A reação emocional pode encharcar nossos relacionamentos de falsos ideais culturais, que podem ser prejudiciais individual e socialmente. A exemplo disso, vemos brasileiros que se enfurecem por atos destrutivos, mas que tomam a mesma intensidade dos acusados, pois apontam e menosprezam a imagem do outro por um erro, condenando ao invés de educando. Vemos então a onda de

cancelamento como uma forma de pensar as coligações emocionais, pois movimentamos grupos a reações que, muitas vezes, ao invés de educar, o condena.

A tristeza, a raiva, a alegria, o medo, o nojo e outras emoções, são uma espécie de código mental que contagia as pessoas frente a realidade. Pensar em sua função fracional na manutenção da cultura, é qualificar o poder dos indivíduos de ao deparar-se com questões externas, absorvê-las e transformá-las com a experiência do corpo memorial, retornando e modelando o exterior a partir da atuação e da comunicação. Perceber-se reagindo e não agindo, faz parte do processo natural de consciência crítica do próprio corpo de atitude, e ao observar esses padrões, contemplamos grande parte das competências da BNCC de 2017.

O ser humano é uma entidade, um ser em um mundo que ao mesmo tempo é individual, social, histórico e cultural, portanto perceber os paradigmas é um passo importante na manutenção social, uma vez que, o sujeito sofre os efeitos e em resposta a eles transforma e é transformado. E isso apesar de ser amplamente socioemocional, também é cognitivo, uma vez que necessita dessa análise sistematizada minuciosamente, para que então, desenvolva-se relacionamentos lúcidos. A intercomunicação das emoções entre os pensantes pode romper com a barreira do individualismo, pois acolhe a dialética entre objetificação e percepção. E a escola como um depósito de informações é o maior obstáculo para a educação libertadora (FREIRE, 1983).

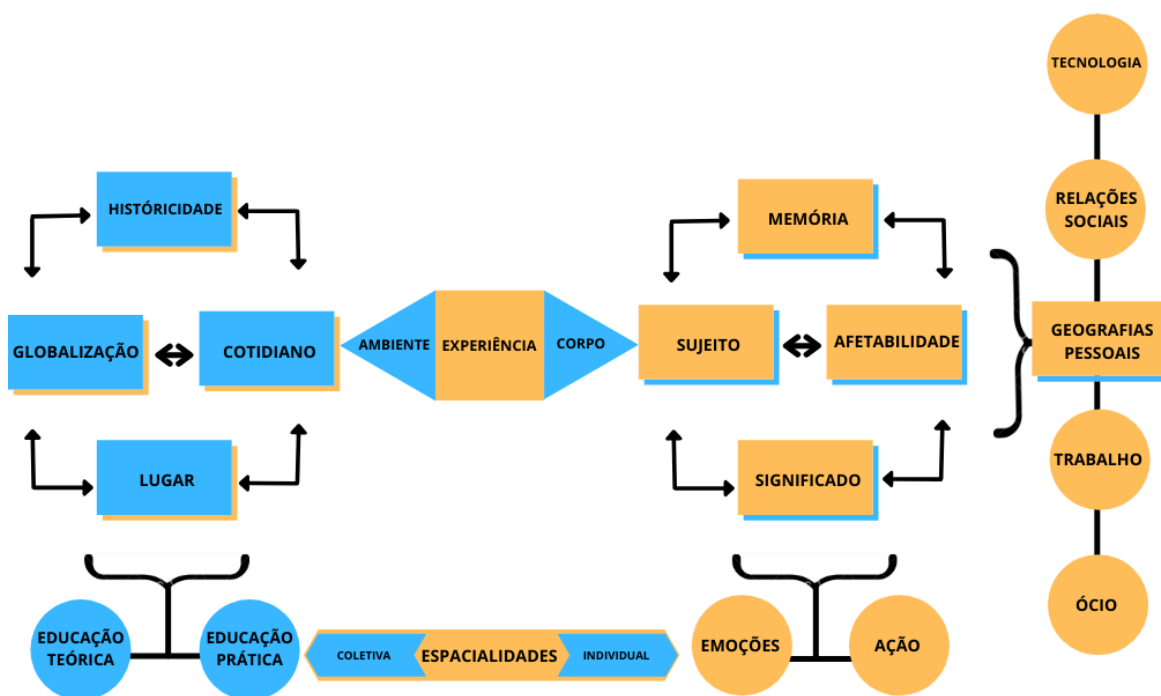
No cotidiano dos estudantes, as emoções estão ligadas a questões identitárias, simbólicas, culturais, sociais, familiares, éticas etc, mas principalmente ao pertencimento e a auto aceitação. O analfabetismo socioemocional é a consequência de uma cultura repressora e individualista, pois mantém padrões que intimidam o crescimento de uma sociedade livre de regras hegemônicas. Os adolescentes devem ser tratados como pessoas capazes de escolher, sempre que possível, e ajudar a entender seu próprio corpo emocional é um ato revolucionário.

Certamente essas micro situações da experiência no contato entre sujeito e realidade social, deve ser pensada em suas redes de ligações pessoais e coletivas. Em sumo, o viés geoeducativo possui um caráter de espacialização

que transita entre o educando consciente e crítico de suas ações, para o conteúdo pragmático e estrutural das disciplinas.

Vemos então que há uma necessidade de um foco educativo para além do conteúdo, mas prioritariamente no sujeito em contato com o conteúdo, e sobretudo na sua capacidade de ação criativa e transformadora. A experiência é o intermédio entre o educando e o conteúdo, que junto ao ambiente e o corpo, trazem significado ao processo de aprender a aprender proposto por Freire. Abaixo, em analogia a um ímã, vemos a importância em observar a integração de tendências opostas, em um lado estruturas comprometidas com o GEE e ao outro educandos que impulsionam seus próprios processos educativos, complementando como em um espelhamento.

Figura 2 :A Geografia das experiências afetivas



Fonte: Elaboração própria

Na figura 5 vemos que em um lado temos um plano mais objetivo, que compõe tendências globais de conteúdos, coisas e questões debatidas segundo a evolução coletiva, em contraponto, temos o que é percebido pelo educando, que vai além da escola, pois perpassa suas simbologias íntimas; seja em seus diversos relacionamentos que enriquecem o arcabouço simbólico e estrutural. O resultado do mapa autossignificado dos estudantes são suas ações e respostas

emocionais, já em seu oposto complementar, as tendências e incentivos globais chegam através do conteúdo pragmático e do contato educacional. Cabe ao educador criar um habitat onde as espacialidades aconteçam, e que acima de tudo, seja confortável ao erro, o que se opõe à competitividade.

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, “intencionada” ao mundo, é sempre consciência de um permanente despêgo até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, jejue e toma corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa. Por isto mesmo é que as explicações unilateralmente subjetivista e objetivista, que rompem esta dialetização, dicotomizando o indicotomizável, não são capazes de compreendê-lo (FREIRE, 1983, p.51).

Para recuperar a motivação e pertencimento dos estudantes, é preciso tornar o aprendizado mais parecido com eles. Claro que, exaltar muito as emoções de adolescentes, pode ser prejudicial, mas ao invés disso, devemos ajudá-los a entender como eles transformam a própria realidade, para então agir com uma autoconsciência emocional frente a realidade.

O habitar de modo consciente é uma necessidade ao meio ambiente, a vida urbana, educacional, tecnológica, política e social mas, sobretudo, emocional e subjetiva. A realidade geográfica mais profunda é aquela que é vista com consciência e empatia, e também quando percebemos os significados escondidos da paisagem, nos envolvendo na contemplação dos panoramas mentais e simbólicos. Habitar de modo consciente é estar presente e estrategicamente agindo para a mudança constante de quem somos (VALLERANI,2017).

A Geografia, por sua vez, é uma das maiores responsáveis na conquista da própria realidade, mas que além disso, deve educar indivíduos a encontrar-se culturalmente, existindo e sendo através da presença criativa nos fenômenos do cotidiano. A geoeducação emocional deve acolher todas as circunstâncias da vida como propulsores do habitar, de tal forma que, exercite essa “musculatura emocional” para agir com resiliência em qualquer situação.

Temos sentimentos que, sem um mapa ou um acompanhamento, não sabemos de onde vem e para onde vão. As emoções são reações químicas do corpo, portanto impossíveis de obter controle, cabe a educação aprimorá-las e direcioná-las a uma forma de expressão que corrobora com sua própria evolução

educativa. Não obstante, os sentimentos são produtos mentais gerados pelas emoções, são elas a culpa, vergonha, controle, timidez, aceitação, acolhimento e outros. Essas descargas hormonais, são condicionadas pela visão, audição, olfato, paladar e tato, dando um sentido memorial que liga, por exemplo, o cheiro natural do mangue às diversas formas de vida que lá habitam.

Precisamos então de uma Geografia que vá além do visível e do racional, que seja capaz de entender as pontes que conectam as pessoas, aos lugares. Dessa forma, educaremos sujeitos capazes de construir um novo significado para suas próprias vidas através da reconexão com o espaço. A Geografia Escolar deve abandonar então a repetição exacerbada de conceitos, para então abraçar sua essência libertadora. Para além de uma educação descritiva, precisamos de uma Geografia que envolva os educandos a descobrir-se capazes de transformar a própria realidade.

4 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SEU IMPACTO NA APRENDIZAGEM

É incontestável que no percurso da vida, crianças e adolescentes trazem sonhos e objetivos consigo, designando suas ações e contribuições ao mundo. O desenvolvimento da educação junto de um projeto de vida estimula a evolução pessoal dos estudantes, suas histórias, relacionamentos, culturas e comportamentos. Essas experiências são moldadas pelos afetos em conjunto as percepções sensoriais e sociais, promovendo possibilidade de transformação do conhecimento em sabedoria relacional.

As habilidades socioemocionais dizem respeito a capacidade de lidar com nossas emoções e reconhecê-las, bem como também, construir relacionamentos lúcidos com o outro, consigo e com o meio. Esses atributos se manifestam nas nossas atitudes para com experiências do cotidiano, sejam elas adversas ou novas, estão interligadas com a faculdade de pensar, agir e construir a realidade, variando de um indivíduo para outro. Dessa forma as emoções englobam o conjunto das experiências fisiológicas que acompanham a vivência em seu âmbito social e cultural, pois fomentam os prazeres e desprazeres.

É válido então que os saberes inter e intra relacionais sejam a ponte entre o saber e o fazer, no sentido de que, as nossas escolhas partem de uma afetação daquilo que nos é proposto. Entretanto no caso do ensino, se não há uma função estimulante para descobrir o sentido e a aplicabilidade de conceitos teóricos, certamente não haverá vontade, o que leva a uma inércia, desinteresse ou até desmotivação em estar na sala de aula.

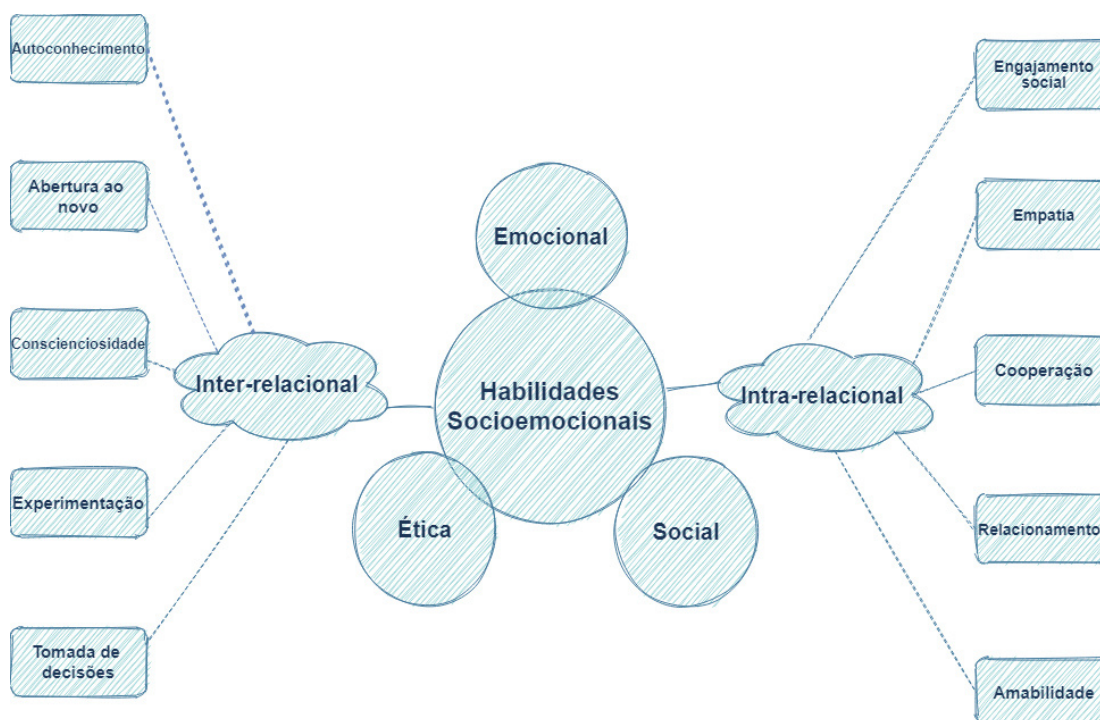
É categórico então, que as habilidades socioemocionais impactem nas cognitivas, mas o inverso não ocorre, isso porque a memorização ou a percepção partem mais de uma teatralidade do aprender, do que de fato, uma apreensão do saber. Os estudos sobre essa importância da educação socioemocional no Brasil são muito recentes e crescem a partir de 2012, isso porque o sucesso profissional e acadêmico tem mostrado sua notoriedade na área da educação.

A importância da implementação dessas habilidades cresce, por inclusive, ser comum profissionais serem contratados por capacidades cognitivas, mas

serem demitidos por falta das capacidades socioemocionais. No caso da escola é imprescindível que o estudante esteja preparado para relacionar-se em diferentes escalas, pois além de tornar o ambiente educativo mais ético e humanista, a apropriação de um conhecimento tido como seu, reduz os índices de indisciplina e desinteresse.

Na figura 1 podemos ver explicitamente 10 dessas micro capacidades que a BNCC propõe, e que em seus diversos sentidos de conhecimento individual e social, estabelece competências que ancoram pensamentos sociais, emocionais e éticos. Os saberes pautados aqui são releituras do Instrumento Senna (SENNA, 2015), que a partir de conhecimentos da UNESCO e da Lei de Diretrizes e Bases, vem pautando a importância da educação socioemocional desde antes da BNCC.

Figura 3: Mapa cognitivo com as principais habilidades inter e intra-relacionais



Fonte: Elaboração do autor, 2020

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem contemplado estritamente em sua base “as competências do século XXI”, sobre essa nova proposta de aprendizagem. Podemos observar nelas a necessidade de ter escolhas e defendê-las, autoconhecimento e reconhecimento de suas emoções, ação pessoal e coletiva, responsabilidade, autonomia e outras entre 17 competências,

que fazem jus à conversação entre os saberes sociais e emocionais. Essa distinção mostra-se a partir das capacidades que se desenvolvem relacionamentos consigo (inter-relacionais) e com os outros (intra-relacionais).

Dessa forma, desde 2015 a BNCC começou a atuar a partir da análise dos documentos escolares sob o olhar de diversos especialistas. Em 2016 a primeira versão do documento surgiu e foi se remodelando através também de consultas públicas, até que em 2017, uma terceira e última versão foi concluída e passou a ser testada por todo o país, que até 2020, deveria ser aplicada em todas as escolas. O texto aprovado abrange apenas o ensino infantil e fundamental, mas o do ensino médio também está sendo criado e testado.

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza (BNCC, 2017 p.10).

Autoconsciência, Abertura ao novo, Engajamento Social, Estabilidade Emocional e Amabilidade são as cinco macro habilidades socioemocionais, elas também compõem as outras dez competências gerais da BNCC, concomitante às cognitivas. Esse tem sido um compromisso em desenvolver as dimensões éticas, afetivas e comunicativas, concebidas para integrar o cognitivo com o socioemocional, que nasce em uma releitura da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) proposta em 1996.

Desse modo o Instituto Ayrton Senna (IAS) baseado nos quatro pilares da educação da Unesco e no BIG FIVE PERSONALITY ⁴- que consiste em um instrumento da psicologia usado para identificação de personalidades universais - desenvolve projetos de vida que visam reduzir conflitos e garantir a permanência

⁴ Termo usado por OLIVER P. John (2017) no texto “The Next Big Five Inventory (BF1-2): Developing and Assessing a Hierarchical Model With 15 Facets to Enhance Bandwidth, Fidelity, and Predictive Power.” Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj7i7Go9_PvAhXSKLkGHUtXCRUQFjAMegQIFRAD&url=http%3A%2F%2Fwww.colby.edu%2Fpsych%2Fwp-content%2Fuploads%2Fsites%2F50%2F2013%2F08%2FSoto_John_2017.pdf&usq=AOvVaw2ifooJb_d6BQke5g0NLIFX. Acesso dia 10 de março de 2021

do aluno na escola, como no caso do Instrumento Senna, desenvolvido em 2014 no Brasil. Em diálogo direto com a BNCC o Instituto atua na garantia de uma educação que desenvolva os saberes cognitivos e emocionais, capacitando gestores e educadores e inovando, através da educação integral, desenvolvendo o caminho de uma educação equânime.

Uma educação que prepare apenas para o sucesso acadêmico ou profissional não dará conta desenvolver todos esses potenciais. Mais do que expandir o tempo na escola, a **educação integral expande as oportunidades de aprendizagem**, promovendo as competências cognitivas e socioemocionais necessárias para que nossas crianças e jovens se desenvolvam plenamente no caminho das suas escolhas e do bem coletivo (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2020).

De antemão o objetivo da educação é desenvolver qualidades e aprimorá-las, de forma não determinante, capaz de promover o autoconhecimento e o engajamento afetivo. Historicamente o estudante tem se colocado em uma posição de observador científico, estreitando-se apenas a razão, mas quando o saber é passado para a experimentação, torna-se afetivo e posteriormente apropriado pelo vivido. Quando os alunos aprendem a se organizar, possuir autoconfiança, lidar com os erros e frustrações e trabalhar em equipe, são naturalmente envolvidos no ato de aprendizagem, sendo autores de seu próprio processo.

O professor tem um papel fundamental nisso, ninguém nasce com todas essas habilidades, mas sim as adquire com a experimentação, errar é natural, assim como os alunos, o professor deve entender a importância do erro como ação construtiva e flexível. Acompanhamento, feedback e escuta são atitudes que cabem aos educadores que atuam significativamente no aprendizado dos educandos. Mas isso deve ser uma responsabilidade mútua, já que não há apenas um caminho ou resposta para atingir tais capacidades.

As referências formam as bases identitárias de jovens que amadurecem a ideia do eu pessoal. Sejam os pais, ídolos, amigos e professores, todos eles cooperam nessa formação, em contrapartida o papel docente deve ser fundamental para o desenvolvimento da empatia e resiliência.

Não aprendo aquilo que o outro me dá pronto. Aprendo em função daquilo que posso trabalhar sobre o que o outro me diz, ou daquilo que o

objeto me mostra ou descubro (...) Afetivo, por meio do nível simbólico e cognitivo por meios técnicos-estruturais (SALTINI, 1997. p.17).

Saltini (1997) reafirma então o encargo da necessidade criativa no ambiente escolar, estando à disposição para trabalhar a realidade que vivemos e atuar nela de maneira alternativa. Isso deve acontecer baseado nas micro situações do cotidiano, partindo preferencialmente do estudante e sua capacidade de perceber figurativamente. Ainda na mesma obra, Saltini atribui à educação ao processo de descobrimento interno de seus próprios anseios e pulsões, pois dessa maneira, o ser humano é levado a buscar, portanto a refletir e mover-se. *“Ao descobrir o homem que sou terei descoberto o outro como ele é (...) as pulsões transformam-se e sublimam-se, assim, educamos um ser para si e para seu meio”* (SALTINI, 1997 p.15).

Muitas vezes a preparação escolar tem como finalidade o futuro profissional e acadêmico, mas não educa para o presente, palco das diversas ações que construirão o que vem adiante. Logo se prepara o indivíduo para se relacionar de forma consciente e empática no hoje, futuramente terá ferramentas lúcidas para discernir seus próprios caminhos de forma ética e justa.

É cada vez mais sensato construir uma educação capaz de formar estudantes a encarar conflitos com serenidade, argumentando em defesa de seus pontos de vista de forma criativa e empática, além de submetê-los à ética e à auto responsabilidade. Assim cultivamos dons e talentos, dando movimento e experimentação, explorando as próprias ideias e arriscando-as com, inovação, motivação e aprendizado permanente. Entretanto tudo começa com o pensamento crítico, debatendo e planejando com persistência, cooperação e criatividade. Necessitamos de um sistema educacional que acolha as afetividades, a arte, as múltiplas percepções, opiniões e histórias de vida, ao passo de não tratá-las como engrenagens e rodas, pois essas últimas não as têm (LIMA, 2015).

Portanto a tendência de uma educação tecnicista e extremamente racionalista pode tornar o ambiente educativo enfadonho para uma parcela significativa dos estudantes. Há uma dificuldade em pensar as emoções como construtoras de uma cientificidade capaz de espacializar os fenômenos, portanto

unir-la ao cognitivo na construção de uma educação inclusiva a todos os tipos de inteligência, mostra-se eficaz na exploração do pensar de dentro para fora, ou seja, no estudante que usufrui do ambiente educativo como um produtor espacial.

4.1 Educação sobre dualidades: saber cognitivo sobreposto ao saber socioemocional

É sabido então que a educação deve assegurar o desenvolvimento pessoal dos estudantes, ao passo que, não os determine como viver, mas que inspire-os a tomar atitudes seguras, conforme a ética e os Direitos Humanos. Historicamente a educação se estreita a uma hegemonia cartesiana racionalista, pois essa permite desenvolvimento intelectual sedutivo a lógicas capitalistas. Porém, incentivar exacerbadamente o desenvolvimento cognitivo, deixa à margem aqueles que possuem dificuldades de aprendizagem, como as pessoas com dificuldade de atenção e concentração, por exemplo.

Assim, por não compreender a finalidade além de obter resultados em provas, os estudantes estão reféns de um modelo educacional que desencoraja a sua relevância no mundo, sua capacidade de ousar, experimentar e inovar, bem como de firmar seu papel na sociedade.

Para não reproduzir essa cultura hierárquica do decorar sem questionar, a educação deve investir em valores sociais e éticos que incentivem a descoberta por si, mesmo que seja repleto de erros, pois para a educação significativa, a avaliação funciona como um marco, mas a nossa vida é feita de percursos, e o caminho deve sempre considerado.

A escola não deve esperar que as crianças façam tudo que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas a ação (...) O que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, à sua vida ao que se deseja ensinar (SALTINI, 1997 apud CLARAPARÈDE 1954, p.52).

Dessa forma então os saberes cognitivos são inferiores aos emocionais? A resposta é não. Pois apesar de este ser o foco histórico da educação, percebemos que ele sozinho não é suficiente, pois é preciso contemplar e despertar todos os saberes, para que os educando sigam suas próprias pulsões. Visto isso o segredo é a flexibilidade, pois não se trata de criar algo, mas

redescobri-lo de forma espontânea e significativa. Isso também se aplica a reformulação dessa base curricular implantada em 2017 pela BNCC, que amplia as possibilidades dessa reconexão do indivíduo com a escola e com o mundo, pois apenas explorando saberes cognitivos parece que o aluno é obrigado a fazer, sendo desestimulado por nunca ter seus interesses considerados.

A educação integral⁵ é um forte aliado no processo de integração desses saberes, pois favorece o desenvolvimento cultural, social e ambiental do estudante, e através dessa reumanização da escola, o conhecimento conceitual torna-se sabedoria relacional, educando não só para provas mas também para a vida. Para que não haja confusões é preciso salientar que a educação em tempo integral é parceira da educação integral, mas não são a mesma coisa, visto que a primeira trata mais sobre a expansão da carga horária escolar e a segunda de uma educação inclusiva, que usufrui dos diversos micro espaços, sejam eles a casa, o bairro, o trabalho, a praça etc, ou seja, a educação para além da escola.

Para o Instituto Ayrton Senna a educação em tempo integral está aquém da educação integral, pois a problemática não gira em torno apenas do tempo do estudante na escola, mas numa mudança de visão nas redes de ensino. Essa situação permite aplicar um conjunto de competências que trazem a escola para o século 21, combinando aspectos cognitivos aos emocionais, junto também, ao incentivo ao uso de novas tecnologias no ensino, configuração essa, fato crucial para estar a par da contemporaneidade.

É evidente que poucas horas são insuficientes para aplicar com coesão as competências, pois de certo modo, as habilidades socioemocionais são trabalhadas indiretamente e sem tanto empenho quanto as cognitivas, já na educação em tempo integral isso não ocorre, pois recebem o mesmo olhar de forma articulada.

Os estudantes mais confiantes, organizados e focados aprendem da mesma maneira que alunos com características persistentes e

⁵ Saiba mais sobre a educação integral pelas palavras de Fank e Hunter (2013) no texto: **Escola em tempo integral e a educação integral**: algumas reflexões de contexto e de concepção. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiJh5nc0PvV_AhV_E7kGHR_tBjsQFjAKegQIlhAD&url=https%3A%2F%2Feducere.bruc.com.br%2Farquivo%2Fpdf2013%2F8657_4629.pdf&usg=AOvVaw0_EfZOlv-jVC-i7qq4eDZh. Acesso em 13 de abril de 2021

resilientes. Os primeiros tendem a se comprometer com objetivos de longos prazos e a lidar melhor com frustrações e conflitos. Sabe-se, por exemplo, que o ato de aprender os conteúdos curriculares não envolvem apenas competências ligadas à velocidade de raciocínio e à memória, mas exige também motivação e capacidade de controlar a ansiedade e emoções (FREIRE et all. 2019, p.9)

É preciso estimular a diversidade de inteligências para que ninguém se perca nos processos, consolidando uma educação inclusiva e inspiradora. O conservadorismo ameaça a diversidade, pois o excesso de pragmatismo impede os detalhes, e esses são importantes, visto que enriquecem os percursos. Mas se tomarmos essa ideia por outra perspectiva, o pragmatismo não compõe apenas ideias conservadoras, mas tudo parte tanto da dosagem quanto de como é feito; nesse mesmo sentido se aplica também às capacidades socioemocionais.

Porém se toda a realidade ao nosso redor parte de uma apreensão afetiva-social sobre as coisas, entender os próprios anseios, sonhos, significados e seu resultado para com os outros, fará entender-me como sou e conseqüentemente verei o outro como ele é.

4.2 O Núcleo de Trabalho Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS) como ferramenta do desenvolvimento socioemocional.

O NTPPS que é conhecido popularmente como Núcleo, vem sendo implementado em Fortaleza pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) em parceria com o Instituto Aliança desde 2012, como quando em projeto piloto, contemplou algumas escolas do Estado do Ceará com uma carga horária voltada ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Inicialmente o Núcleo - assim como as habilidades socioemocionais - nasce a partir de uma releitura do Big Five (UNESCO), que propõe quatro pilares essenciais para a educação, são eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

A proposta atravessa todo o Ensino Médio e traz em seu cerne, temas voltados para a adolescência, a família, a escola e a comunidade. A iniciativa prevê projetos de pesquisa anuais, trazendo a tona assuntos como:

- Relacionamentos internos para os 1° anos (Bullying, Saúde na escola, Drogas e Consciência Ambiental na escola);
- Relacionamentos comunitários para os 2° anos (Identidade e pertencimento da cidade/bairro);
- Relacionamentos para com o mundo para os 3° anos (Carreira, comportamentos, escolhas e aptidões).

A carga horária é dividida em 2 encontros de 2 horas aula por semana, o que a princípio, chegou a ser pensado a partir da diminuição das disciplinas habituais para a realização das atividades, porém com o desenrolar inicial das experiências, essa possibilidade foi cancelada e a expansão da carga horária semanal dos estudantes foi a solução. A abordagem metodológica traz oficinas, vivências, dinâmicas, aulas de campo, filmes, debates e novas experiências, trazendo uma quebra no padrão educativo e dando espaço para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Os estudantes devem desenvolver um projeto de pesquisa anualmente, tendo como base as temáticas acima, porém sendo tratada em diversas categorias e condições. A construção desse projeto científico é em grupo e acompanhada pelo professor orientador, porém os alunos têm plena autonomia para decidir o futuro da pesquisa com base no que vem sendo experimentado. As aulas servem tanto para incentivar a produção científica quanto para problematizar temas do vivido.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com um professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (FREIRE, 1996 p.41).

Vejamos então que há necessidade dos alunos aprenderem a se relacionar com diferentes opiniões, situações, pessoas e costumes, então é a partir dessas pulsões que o indivíduo se move, portanto constrói, reverberando no mundo de maneira rica em criatividade e inspiração. Então nesse caso é importante manter um papel de confiança e parceria nas aulas do Núcleo, para que esse espaço

seja seguro e agradável, pois é preciso confiança e coragem para trabalhar verdadeiramente algumas questões em uma sala de aula.

Dessa forma o núcleo como prática educativa de evolução pessoal tem se fortalecido por toda a cidade de Fortaleza, sendo hoje, parte curricular oficial da escola em tempo integral. As discussões são construídas a partir do Instituto Aliança e desenvolvidas por professores de áreas diversas, preparados em formações bimestrais que são imprescindíveis para o bom andamento da disciplina, pois antes de passar para os alunos, os professores vivenciam as experiências que trazem em aula. Decerto que, concomitantemente há uma troca de conhecimentos multisseriados, pois a prática de apresentar os projetos anuais, na maioria das vezes, funciona no formato de feira, o que permite que alunos do primeiro ano, por exemplo, aprendam diretamente com os do segundo ano como fazer seu projeto.

Mota (2015) ao debater sobre o Núcleo pauta o caráter interdisciplinar como um dos pontos fortes da proposta, pois em um conteúdo específico, podemos compreender particularidades em conjunto as diversas integrações, reconhecendo as possibilidades e estabelecendo significado pessoal àquilo que se aprende. O papel do professor tutor é muito importante, apesar de não ser o foco do processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo que o aluno se reconecta com sua realidade e problematiza a partir do projeto, o professor mediador precisa potencializar o processo e criar situações de aprendizagem que trazem à tona o conteúdo abordado a partir dessa vivência ativa.

No entanto, para fazer a mediação pedagógica, o professor precisa acompanhar o processo e aprendizagem do aluno, ou seja, entender seu caminho, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida. Além disso, é fundamental que o professor tenha clareza de sua intencionalidade pedagógica para saber intervir no processo de aprendizagem do aluno, garantindo que conceitos utilizados, intuitivamente ou não, na realização do projeto de pesquisa sejam compreendidos, sistematizados e formalizados pelos alunos (MOTA, 2015 p.36).

Para além disso é importante ressaltar o crescimento dos estudantes no que diz respeito às relações interpessoais e intrapessoais, em uma clara ascensão que reverbera seja em falar melhor em público ou no respeito às

diferenças. A evolução do estudante enquanto pesquisador social e atuante é inerente quando o envolvemos afetivamente. Muitos fatores influenciam nas atitudes dos discentes e nos seus rendimentos, além de que muitas vezes, por falta de informação, a escola ao invés de acolher, repele; perdendo então um dos melhores ganhos da educação, a transformação, assim como abordado pela autora abaixo.

Nessas oportunidades, foi fácil ir identificando, aos poucos o crescimento e o amadurecimento dos jovens, percebendo a cada vivência proposta nas aulas do NTPPS, suas bagagens socioculturais, trazidas de um ambiente hostil, em que convivem diariamente com a morte de amigos, parentes e conhecidos, o tráfico de drogas, o desemprego, problemas de relacionamento com a família, alcoolismo, prostituição entre outros. Então, em cada uma das falas dos estudantes, suas atitudes, gestos, sorrisos, lágrimas, foi possível conhecê-los cada vez melhor, muitas vezes conseguindo identificar problemas que repercutiram nos seus fracassos escolares, como a repetição de séries e notas baixas (PONTES, 2018, p.8).

Contudo o Núcleo se fortalece como ferramenta de construção da educação afetiva, que traz à tona a integração dos saberes analíticos e emocionais, fomentando a interdisciplinaridade dos conceitos.

Historicamente, a área da psicologia embasa o conceito de afetividade a partir do pensamento freudiano do século 19, que conversa diretamente com a forma como as emoções são experienciadas a partir das representações mentais das experiências individuais e suas reações ao externo. Entretanto, partindo desse pressuposto, podemos pensar o Núcleo como um estímulo a essa afetabilidade científica, que exalta o objeto conceitual a partir de uma identidade e/ou pertencimento do pesquisador.

É possível perceber então que as habilidades socioemocionais estimulam o espaço simbólico, logo a memória individual e/ou coletiva traz significado e pertencimento ao espaço vivido, construindo e reconstruindo o lugar a partir da ação. Logo as emoções têm demasiada importância, visto que as experiências são moldadas pelos afetos, e estes atrelados às percepções fisiológicas, respondem ao estímulo de acordo com que o corpo e a mente concebem geograficamente.

5 AS MICRO SITUAÇÕES DO COTIDIANO COMO PRERROGATIVA GEOGRÁFICA DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

A realidade ao redor parte das inúmeras vivências e percepções individuais do cotidiano, no dia-a-dia sobretudo, é preciso estar atento aos diversos símbolos que constroem o olhar geográfico, apresentando-se a partir de uma linguagem significativa e pessoal, que através do corpo, percebe e produz o espaço. Sobretudo para se orientar na sociedade é preciso entender as diversas lateralidades que a compõem, a partir do movimento de suas próprias projeções, anseios e sonhos, que fazem parte da evolução natural dos seres humanos.

Essas “microsituaciones” trabalhadas por Lindón (2009, p.6) partem de *“microanálises dos distintos tipos de processos de produção/reprodução socioespacial que se dá na cidade.”* Para a autora existe uma série de transversalidades que perpassam o corpo, as emoções, a cidade e a espacialidade, portanto precisamos notar as subjetividades espaciais que são expressas pela narrativa dos imaginários urbanos (LINDÓN, 2009). Nesse sentido, podemos pensar numa geoeeducação que se apropria do corpo cotidiano em movimento, pensando e construindo o espaço geográfico na integração do científico e do filosófico em prol do que advém do imaginário.

Se a educação se propor a entender os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, explorando as relações e teorizando a vida, teremos então significados abundantes, apropriando conceitos e explorando-os cientificamente a partir dessa pulsão emocional, que apaixona o indivíduo, portanto o move.

Então é preciso tranquilidade e autoconsciência para perceber as diversas mudanças sociais e pessoais, bem como também, discernimento e foco para tratar com lucidez as adversidades apresentadas. Visto isso, o desenvolvimento dessas competências socioemocionais colabora positivamente nesse processo, uma vez que a única forma de aprender a viver é se relacionando conscientemente com o vivido. Essa proposta não se restringe a apenas

categorizar os elementos a partir do empirismo, mas que possa reunir fatores que auxiliem no processo da investigação científica.

. A rotina habitual é repleta de signos que passam despercebidos aos olhos apressados, decerto então que, a Geografia enquanto disciplina deve trazer uma presença científica, sendo a responsável por essa perspectiva sensível da compreensão crítica do espaço habitado.

No cotidiano das nossas vidas, expressam-se as regras gerais do mundo globalizado, revelando-se contradições do mundo moderno, acentuadamente marcado pela tecnologia, em que o tempo comprime-se cada vez mais e o espaço alarga-se pelas possibilidades de superação de distâncias e pelos meios de comunicação: televisão, fax, internet, etc. Lugares do cotidiano de nossas vidas funcionam como laboratórios para compreender o mundo e as diferentes formas de vida do homem. (CASTROGIOVANNI et all, 2000. p.124)

Assim como citado pelo autor acima, entender essa linguagem própria do habitual é o mesmo que entender a lógica do raciocínio geográfico, pois esse vem junto às espacialidades, trazendo as relações sociais e naturais como fenômenos passíveis de investigação. É lúcido dizer então que, associamos a realidade aos sentidos, ao sentimento e ao subjetivo, ao passo que não nos distanciamos do pensamento lógico-objetivo. Esse movimento no espaço geográfico parte da relação do ser humano com o natural que lhe é posto, compreendendo-o segundo as relações cognitivas mas também simbólicas e afetivas, ampliando os sentidos da relação entre homem e representatividade (ALVES & OLIVEIRA, 2019).

Percebemos então uma aproximação do campo das Geografias Emocionais com o das habilidades socioemocionais, uma vez que trabalhando juntas ao ensino de Geografia, podem ressignificar o papel escolar a partir desse olhar analítico-afetivo que traz as competências. Certamente que sem esse comprometimento com a situação em paralelo a causa, não haveria uma Geografia humanista, bem como seu uso na educação se estreitaria a descrição e memorização de conteúdos passíveis ao esquecimento.

Se pegarmos a temática do segundo ano do Núcleo como exemplo, vemos nitidamente essa aproximação da Geografia com os saberes socioemocionais, não apenas nessa situação, mas nela a investigação se exterioriza, uma vez que os estudantes são estimulados a um olhar diferente do caminho casa-escola. Na

investigação da comunidade despertamos essa ressignificação, uma vez que os lugares vão ganhando novos sentidos, surgindo a partir desse questionamento do real. Métodos como esse promovem um sentimento de pertencimento, posto que, se o sujeito partir de uma premissa palpável, ou seja, presente em sua vida, o estímulo surge naturalmente; bem como no inverso, que por mais que o fenômeno descrito não ocorra com o pesquisador, ele acontece com a vizinha, com a tia ou com os amigos etc, favorecendo a cooperatividade empática.

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BNCC, 2017 p.359).

Tendo em vista isso, a geoeducação fomenta a ressignificação dos velhos lugares mediante a absorção dos fenômenos do cotidiano. Para Oliveira (2014, p.44) são necessários *“atos fertilizadores que permitam a Geografia Escolar reinterpretar a própria escola: de um velho lugar no mundo (simples localização geográfica) em lugar-centro do mundo (representação e significado patrimonial)”*. Dessa forma multiplicaremos em qualidade a lugarização da escola à medida que se fertiliza os seus sentidos de uso e apropriação (OLIVEIRA, 2014).

Percebemos então que o raciocínio geográfico segundo a BNCC (2017) deve estimular essa autoconsciência espacial, que conecta, distingue, localiza, ordena e compara os eventos. Vemos também que neste documento existem dez competências gerais, que de acordo com a LDB - Lei de Diretrizes e Bases - interagem entre saberes emocionais e cognitivos, e cada uma delas, contemplam uma ou mais das cinco macro competências seguidas de dezessete micro competências (BNCC, 2017).

Dessa forma podemos entender seu valor integrativo, pois os conceitos facilmente são abordados em companhia de outras disciplinas e vertentes. Sabemos então que a Geografia é uma ciência privilegiada, pois seus conteúdos permitem contemplar todas as competências socioemocionais em situações

diversas, permitindo sua abordagem de forma criativa, prática e integrada, assim como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1: Aplicação geoeducativa das habilidades socioemocionais

Conteúdo	Habilidade socioemocional	Abordagem	Atividade modelo	Competências Gerais (BNCC)
Déficits Urbanos; Educação Ambiental; Educação Patrimonial; Agrária etc	<i>Autogestão:</i> Foco; Responsabilidade; Organização; Determinação; Persistência.	Indica sistematização e constância aos objetivos claros. Comprometendo-se inteiramente com a execução de tarefas.	Aqui os projetos de pesquisa são fundamentais, visto que a entrega para investigar o objeto é inerente quando há um envolvimento afetivo. É preciso que o estudante tenha autonomia nesse processo.	6,7,8,10.
Geografia Cultural; Paisagem; Geografia da população; A Terra e o Espaço; Relevo; etc	<i>Abertura ao novo:</i> Curiosidade; Imaginação; Interesse artístico.	Capacidade de se envolver com coisas novas, de valor estético, cultural e intelectual. Profundidade e apreciação de ideias não convencionais.	É possível desenvolver aqui, atividades no modelo audiovisual. Criação de peças teatrais, maquetes, exposições, pintura, desenho, música, culinária, dança e outros. Podem ser de autoria própria ou apenas para observação.	2,3,4,9.
Direitos Humanos; Geopolítica; Globalização; Problemas Ambientais; Desigualdade etc	<i>Resiliência:</i> Autoconfiança; Tolerância ao estresse; Tolerância às frustrações.	Equilíbrio e controle emocional. Confiando mais nas habilidades próprias e desenvolvendo a autoestima.	Aqui podemos optar por uma encenação de júri, ou uma eleição. Os estudantes se envolvem no processo de defender seu ponto de vista, na medida que temas ou adversidades vão aparecendo com a mediação do professor.	4,5,8,9.
Urbanização; Meio Ambiente; Indústria; Paisagem; Fontes de energia; Geografia Agrária etc	<i>Engajamento social:</i> Iniciativa social; Assertividade; Entusiasmo.	Motivação e aproximação social, direcionando energia ao mundo externo à escola. Também condiz sobre manifestação de opiniões e liderança.	O turismo geoeducativo funciona através da visita a lugares de valor social, cultural e histórico. No contato é possível realizar uma coleta de dados e entrevistas, bem como análise visual e a sistematização de elementos.	1,3,5,9,10.
Geografia da população; Identidade cultural brasileira; Regiões brasileiras; Continentes; Migrações etc	<i>Amabilidade:</i> Empatia; Respeito; Confiança.	Criação de vínculo e cooperatividade. Valorizando a boa harmonia social, a solidariedade e a sensibilidade para com o outro. Exaltação das diferenças sociais.	Com fotos de pessoas, regiões ou continentes, faça um jogo da memória que possibilita ligar uma imagem a uma manchete de jornal, dado estatístico ou outro recurso. Em duplas os alunos devem justificar a escolha e discutir em sala os diversos fatores que envolvem essa problemática.	1,4,5,9,10.

Fonte: Elaboração própria com base nos documentos de aplicação do IAS

Com base nos exemplos apresentados pela tabela 1, podemos observar a aplicabilidade socioemocional na Geografia Escolar. Claro que as atividades aqui apresentadas não se estreitam apenas a estes conteúdos, mas que cada uma delas, deve ser trabalhada mediante a necessidade conceitual e de acordo com uma educação ética e de Direitos Humanos.

Atividades como um projeto de pesquisa, aulas de campo, audiovisuais, teatrais, dinâmicas e vivências, fortalecem a participação individual e coletiva, criando um envolvimento a partir do tato, vivenciando os processos como construtores do saber, não como detentores dele. Decerto que o ensino de Geografia estimula a ideia de estar atento às novas tecnologias de comunicação e informação, pois a rotina virtual também configura as vivências, e os jovens são os rostos dessa evolução tecnológica, então excluir a internet do processo de ensino é o mesmo que negar a própria essência da juventude.

É lúcido defender que os professores de Geografia se atentem a desenvolver as habilidades socioemocionais, mas sem esquecer sua confluência imanente com o saber cognitivo. Mas é claro que nem sempre os conteúdos vão conseguir abarcar as duas polaridades, então balancear as habilidades através de um planejamento experimental, criativo e participativo é imprescindível, para que a sala de aula possa agir como um laboratório de experiências evolutivas.

Esse movimento de desenvolvimento cognitivo também é importante de ser explorado dentro do contexto geográfico, visto que agregam tal qual os saberes socioemocionais, mas que agem em momentos e formas distintas no ambiente educativo. Não é só sobre perceber a confluência, mas também trabalhar a cognição análoga a valores sociais, emocionais e éticos.

Na tabela 2 vemos que as macro competências cognitivas não são tão distintas das socioemocionais apresentadas na tabela 1, pelo contrário, facilmente encontramos cruzamentos entre elas, como no caso de abertura ao novo e linguagem, onde ambos privilegiam a expressão individual através da criatividade. Isso foi posto estrategicamente pela BNCC em 2017, através de competências gerais, que promovem esse casamento entre o cognitivo e socioemocional, sendo quase impossível associar uma competência geral a uma única habilidade.

Tabela 2: Aplicação geoeseducativa das habilidades cognitivas.

Conteúdo	Habilidade cognitiva	Abordagem	Atividade modelo	Competências Gerais (BNCC)
Urbano-Rural; Geologia; Geomorfologia; Paisagem; Cartografia; Nordeste; Globalização etc.	<i>Memorização:</i> Aprendizagem; Observação; Reorganização.	Essa área consiste no armazenamento de informações, operando segundo estímulos e necessidades diversas. Gerando assim pensamentos que melhorem o comportamento.	Pode acontecer através da elaboração de uma ficha técnica que descreva exemplos na escala do bairro. Onde os estudantes podem observar as porcentagens das diversas situações em seu bairro, exercitando os conceitos trabalhados, como urbano-rural, fixo-fluxo, agentes produtores etc.	1,5,7.
Todos os conteúdos da Geografia.	<i>Atenção:</i> Metacognição; Autorregulação; Planejamento.	Manter a direção e foco na aula ou na reunião. Também é sobre atingir objetivos e metas claras, com antecedência de preparação e racionalização do objeto. Estando assim presentes e prontos as necessidades.	Essa capacidade pode ser contemplada em um momento simples de silêncio no início da aula, todos os alunos fecham os olhos e escutam uma música ambiente por 5 minutos. Também através do planejamento participativo, seja nas aulas ou em seus projetos pessoais, na qual o discente opina sobre o caminho trilhado e o que vem adiante.	7,8,10.
Hidrologia; Climatologia; Geopolítica; Economia; Globalização; Geografia Regional etc.	<i>Compreensão:</i> Raciocínio; Discernimento; Prognóstico	É a capacidade de perceber o seu redor e trabalhar as ideias a partir do que se tem, tirando conclusões segundo os fenômenos, e/ ou projetando hipóteses.	A criação de um jornal pode ser a melhor alternativa. Separar as partes do jornal e dividir entre grupos, montando o material a partir de reportagens reais, citando a problemática nos conteúdos e suas diferentes abordagens e opiniões. Pode ser compartilhado em diferentes escalas e de forma interdisciplinar.	1,2,5,7,10.
Urbanização; Meio Ambiente; Geopolítica; Globalização; Economia; Geografia Mundial etc.	<i>Lógica:</i> Percepção; Abstração; Antecipação	Faculdade na qual o cérebro processa informações padrões, nos adiantando muitas vezes, quanto às possibilidades e alternativas de solução reais ou não.	.Aqui uma comparação quantitativa e/ou qualitativa se faz a solução perfeita. Pode-se fazer a própria coleta na escola ou fora, ou também trazer dados prontos, sugerindo uma análise criativa, entre outros recursos e em debates comparativos.	1,2,8,10.
Cartografia Social; Geografia da População; Geografia Cultural; Geografia do Brasil etc.	<i>Linguagem:</i> Criatividade; Comunicação; Informação.	Essa habilidade serve seja em sistema de sinais, falados e/ou escritos, presenciais ou não, facilitando o processo comunicativo. Também é inerente a reprodução do que todos os sentidos retratam artisticamente.	Elaboração de uma sala performática, contendo uma diversidade de formas de expressão. Cada parede pode ser referência a uma abordagem artística, podendo conter: mapas, maquetes, desenhos, apresentações teatrais, literatura, cinema, jogos didáticos etc. No final pode se fazer uma visita coletiva.	2,3,4,5.

Fonte: Elaboração própria com base no site BR.psicologia online. Acesso em 17 de novembro de 2020

Sem dúvida a sala de aula merece ser pensada como um lugar de múltiplos usos, que ora serve como laboratório ora como sala de cinema ou teatro, elevando o processo de ensino a um novo patamar, o da educação inspiradora, que incorpora o exercício da imaginação geográfica apoiado da compreensão e da lógica. Perceber-se como um ser geográfico é mais importante que saber Geografia, pois o envolver-se subentende conexão, e esta traz marcas que mudam quem somos, logo muda o mundo. Agora o saber por si só não se sustenta, visto que o mundo globalizado dispara informações o tempo todo, e a escola parece não se atentar às mudanças, pois apenas repassa um conteúdo que facilmente pode ser encontrado na internet.

Então aqui podemos ressaltar a importância dos relacionamentos, mas antes precisamos entender que tudo é um relacionamento, falar é relacionar-se com palavras, pensar é relacionar-se com conceitos, sentir é relacionar-se com as experiências e viver é relacionar-se com o mundo e com o outro através do corpo e do tempo, sem os relacionamentos sequer existiria uma Geografia.

É na cooperatividade do relacionar-se com o meio que nasce o discernimento para seguir os melhores caminhos, surgindo um leque de possibilidades onde a maleabilidade, no caso da educação, permite conciliar a internet com o conteúdo pragmático por exemplo; o importante é que os docentes e discentes estejam aptos a sair de sua zona de conforto. Portanto dentro da perspectiva da educação inspiradora, os temas dados a partir do vivido surge repleto de simbolismos e significados, que de forma dinâmica, traça focos fundamentais na escala do lugar e suas respostas ao mundo globalizado

. É sabido então que em sua evolução teórica e metodológica, a Geografia atravessa os campos cognitivos, uma vez que o positivismo lógico influenciou inicialmente o pensamento racional, descritivo e científico do espaço geográfico, o que posteriormente, seria tratado como método de pesquisa ao invés de domínio teórico. Após isso a Geografia humanista traz diferentes concepções acerca das subjetividades entre o relacionamento homem-natureza, o que fortalece a ideia de Piaget sobre a valoração da percepção do aluno acerca do lugar, pois seus sentimentos e ideias são ricos em significado e autenticidade. Mas é na Geografia crítica que a problematização entra como uma forma de

resolver preocupações sociais, pautando a realidade segundo forças de poder (PINHEIRO,2005).

Essa historicidade permite entender os diversos fatores que transformaram a Geografia no que conhecemos hoje, mas que destoa do modelo atual, visto que este perde seu valor inspirador quando não se materializa em fenômenos relativos à vivência. Certamente que há uma infinidade de possibilidades teóricas que abarcam essa aliança entre os saberes socioemocionais e o Geografia Escolar, visto que conceitos estruturantes como espaço, lugar, território, região e paisagem necessitam de uma compreensão e afetabilidade individual, mas que contagia e se encontra com a totalidade.

Para Furlanetto (2014) na identidade escolar deve-se desenvolver essa inteligência emocional em processos de aprendizagem e socialização, redescobrando os valores locais e de pertencimento e significado. A história se enraíza por meio das emoções, do corpo e da mente.

Esse envolvimento interior é essencial para desenvolver uma educação em Direitos Humanos, com estudantes capazes de conhecer e defender sua história e cultura, respeitando as diferenças e limitações dos outros e estando comprometido com a defesa e consolidação de seus direitos.

Sobretudo é preciso praticar uma descoberta espacial, o que é vital para entender qual o papel individual frente uma sociedade que se mostra repleta de enigmas e novidades. Mas é certo que o novo traz resistência e dificuldades àqueles que reproduzem mais do mesmo, porém para que haja uma reinvenção escolar, é preciso uma redescoberta de novos valores e significados, humanizando a educação e dinamizando o ensino.

5.1 Diálogos acerca da afetividade e do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na regência em Geografia da EEFM DOUTOR CÉSAR CALS

É preciso uma maior sensibilidade por parte dos professores e demais gestores às necessidades individuais e globais que se apresentam na escola, para que as experiências, mesmo que estranhas ou dificultosas, possam construir uma resiliência educativa, sendo os profissionais, capazes de contornar os

empecilhos e estimular a atmosfera emocional. Nesse sentido, a pandemia global causada pela Covid 19 (Sars-Cov2) trouxe ao Brasil em março de 2020, uma mudança no panorama geral da educação, e de forma abrupta, foi remodelando o método de abordagem das escolas de forma geral. Em especial a escola pública, que já tinha muitas dificuldades, teve que contornar a desigualdade social e gerar uma educação remota emergencial que atingisse 100% dos estudantes.

A EEFM DOUTOR CÉSAR CALS fica na avenida Domingos Olímpio 1800, no bairro Farias Brito em Fortaleza, capital do Ceará, assim como elucidado pela imagem 1, que mostra o pátio da escola. Por muitos anos se destacou popularmente como umas das melhores escolas públicas da região, isso por ter uma forte cultura dos gestores e professores em enraizar valores humanos e inspirar bons caminhos. Desde 2012 o Instituto Aliança em parceria com o Governo do Estado promoveu o NTPPS e PPDT - Projeto Professor Diretor de Turma - nas escolas de ensino médio em Fortaleza, dentre elas a EDCC, que desde o início contribui com o programa de reorganização curricular.

Imagem 1: Pátio da EEFM DOUTOR CÉSAR CALS



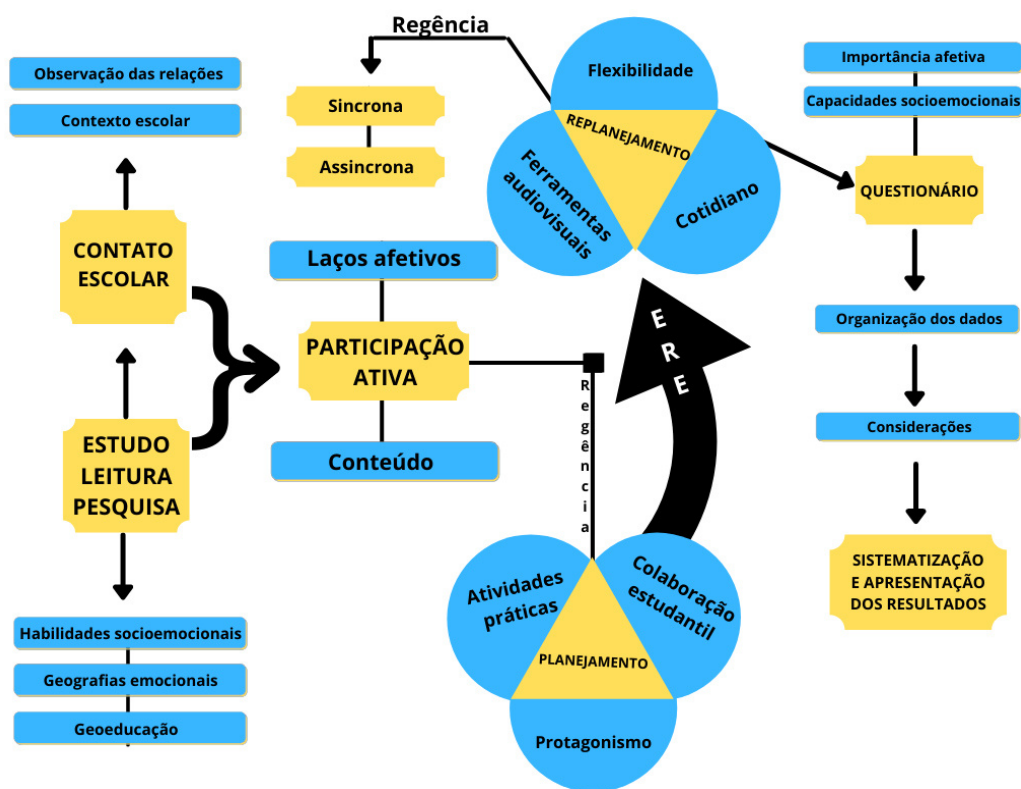
Fonte: Autoria própria, 02/2020.

Com a chegada do núcleo, as habilidades socioemocionais se tornaram parte estruturante das políticas educativas da escola de sucesso, apesar de a resistência estudantil ter sido grande no início do projeto. Isso acontece porque a escola é vista muitas vezes como um dever ou obrigação, e nestes, é improvável que os anseios e pulsões sejam cogitados; além do aumento da carga horária e a falta de preparo por parte dos professores. O que com pouco tempo foi mudando,

pois a receptividade foi aumentando e os objetivos foram tornando-se mais lúcidos, além dos docentes que foram também melhor preparados.

Nessas circunstâncias o estágio supervisionado teve como finalidade a observação da afetividade como ferramenta educacional. Este se iniciou em fevereiro de 2020 de forma presencial nas aulas de Geografia e núcleo, sendo possível perceber a priori, os diversos contextos na qual a escola estava inserida. À medida que a participação na sala de aula ia crescendo, foi sendo possível perceber as aproximações afetivas dos alunos em determinados conteúdos. Só entendendo quais abordagens incentivam uma maior participação e envolvimento dos estudantes, é que encontraremos meios de enriquecer os conteúdos de práticas mais emocionais e sociais de desenvolvimento humano.

Figura 4: Mapeamento conceitual das etapas da pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2021

Para que possamos debater sobre a afetividade no ambiente escolar foi elaborado um questionário com 112 alunos do 3º ano. Os entrevistados variam do 3ºA ao 3ºC da EEFM DOUTOR CÉSAR CALS em Fortaleza (CE), respondendo em outubro de 2020 a 16 perguntas abertas ou de múltipla escolha, isso de acordo com as vivências da escola nos últimos anos e durante a experiência do

ERE. Os participantes têm em média entre 16 a 19 anos, sendo 52,7% mulheres e 46,4% homens. A escola se situa no bairro Farias Brito, mas os estudantes são de bairros e regionais distintas da cidade. As respostas servem como embasamento para incentivar professores de Geografia e demais áreas a se envolver afetivamente com o ensino através das habilidades socioemocionais.

Quadro 1: Relatório de principais perguntas e respostas do questionário de estágio.

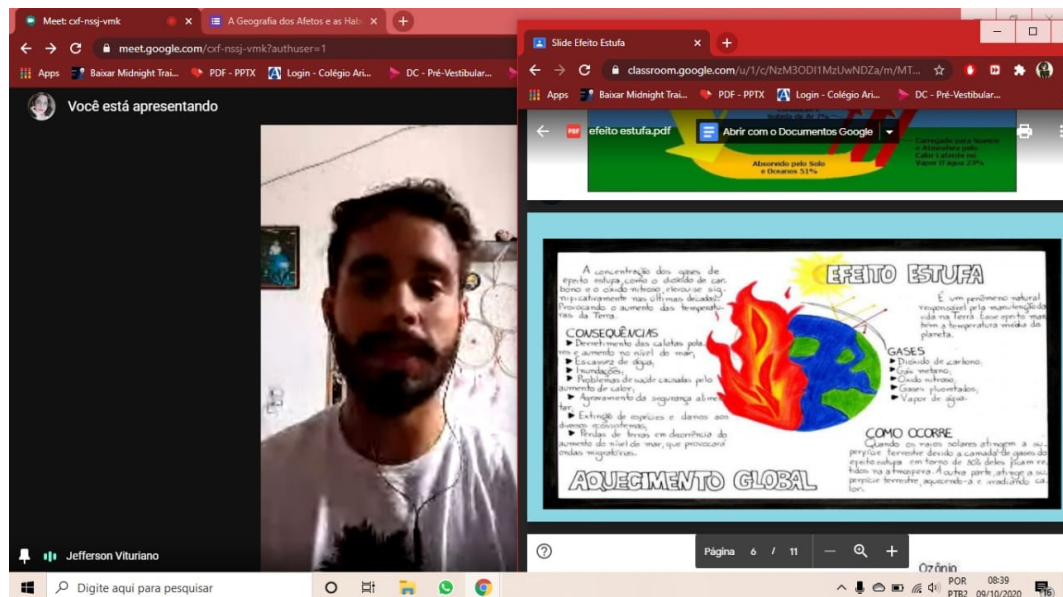
Questões formuladas com foco de interesse à pesquisa. Tendo como título: <i>A Geografia dos afetos e as habilidades socioemocionais</i> ⁶ .	Resultados (múltipla escolha) e exemplos de respostas (abertas) predominante das 112 respostas.
Você concorda com essa afirmação? " O desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade" (FURLANETO, 14)	Concordo totalmente: 42% Concordo em parte: 52,7% Discordo totalmente: 5.4%
Você considera a Geografia uma ciência vivencial e/ou afetiva?	Sim, ambas!: 67,9% Somente Vivencial: 28,6% Somente Afetiva: 1,8% Não considero!: 1,8%
Para você, os fatos do cotidiano no local e no global favorecem na construção do aprendizado geográfico?	Sim: 86,6% Às vezes: 12,5% Não: 0,9%
Você considera as habilidades socioemocionais como essenciais para o ensino regular?	Sim: 83,9% Em parte: 16,1% Não: 0%
Como você acredita que o ensino da Geografia pode ser uma boa forma de construção dessas habilidades?	<i>"Acredito que ao estudarmos essa matéria, ela nos faz sair da nossa zona de conforto, pensando e tentando mudar a realidade aos poucos. Ela(geografia)estimula a maneira de conhecer mais o mundo atual, e ao mesmo tempo,influencia o jeito que enfrentamos e convivemos com todos e tudo."</i>
Você acha que a escola deve ser condutora de experiências práticas e sociais que construam valores humanos?	Sim, acho: 85,7% Nem sempre: 13,4% Não acho: 0,9%
Você concorda com a afirmação? " Também é papel do professor desenvolver a empatia dos estudantes!"	Concordo totalmente: 45,5% Concordo em parte: 50,9% Discordo totalmente: 3,6%
Você acha que a Geografia é uma ciência que estimula a leitura sensível do cotidiano em suas temáticas?	Sim: 73,2% Às vezes: 25,9% Não: 0,9%
Você concorda com essa afirmação? " Meus sentimentos estimulam meus impulsos, escolhas e engajamentos!"	Concordo totalmente!: 59,8% Concordo em parte: 35,7% Discordo totalmente!: 4,5%
Para você, a Geografia pode ser uma ciência transformadora da realidade individual e coletiva?	<i>"Dependendo do momento a uma mudança individual ou coletiva mas sempre acontece uma transformação"</i>

Fonte: Autoria própria, 10/2021.

⁶ Questionário completo e com link de acesso disponível no Apêndice A

Assim como citado, as experiências do Ensino Remoto Emergencial, ilustrado pela imagem 2, trouxe diversas reflexões acerca do atual formato de ensino, que desestimula diversos alunos de tal forma, que de 7 salas de terceiro ano, com cada uma em média 35 alunos - 245 no total - apenas 190 participavam sempre ou intercaladamente, o que se mostra como uma quantidade um tanto utópica para outras escolas, isso se pegarmos a média geral das escolas de ensino médio estaduais. O que vimos em resumo por todo o Brasil refletido nas escolas de Fortaleza foi recesso, férias e depois o ensino remoto, mas sobretudo as diversas desigualdades educacionais, que vieram à tona para àqueles com dificuldades de acesso e adaptação ao ensino remoto.

Imagem 2: Aulas de Geografia na EDCC de forma remota



Fonte: Autoria própria, 10/2020.

No caso dos projetos iniciados pelo Instituto Aliança, assim como pautado por Pontes (2018), podemos perceber uma resistência dos professores para que alheios acompanhem as aulas, o que é bastante plausível se lembrarmos que esses são momentos íntimos e que estranhos podem envergonhar os alunos. Mas não impede que outros auxiliem nos projetos de pesquisa, que funcionam como um produto final e anual.

Porém com o isolamento social chegando em março, as atividades escolares públicas foram suspensas e só retornam em agosto de forma remota, o que atrapalhou diretamente no acompanhamento da turma de NTPPS, pois

houve uma redução na carga horária da disciplina, que passou a ser apenas em uma aula semanal e com os projetos de pesquisa com mais foco.

A pesquisa TIC educação 2019 (BASILHO, 2020) divulgada em junho de 2020, mostra que apenas 60% dos alunos brasileiros têm disponibilidade de computador em casa para o ensino remoto. Vimos também que a inclusão e a flexibilidade por parte dos profissionais do ensino cresceu muito, isso se levamos em consideração que a expectativa do ano letivo é de ser quase totalmente digital, e que o uso de aplicativos de celular mostrou maior acessibilidade.

Mesmo no ensino presencial a evasão escolar atinge níveis considerados preocupantes. Segundo o levantamento feito pela Pesquisa Anual por Amostra a Domicílios Contínua -PNAD Contínua- em 2018, 51,2% dos adultos, que equivale a 69,5 milhões, não concluíram o ensino médio até 2019. No Nordeste 3 em cada 5 adultos não concluíram o ensino médio. 10,1 milhões de jovens entre 14 a 29 anos não completaram alguma das etapas de ensino básico, sendo 71,7% deles pretos ou pardos. Entre as motivações para o abandono, a necessidade de trabalhar corresponde a 39,1% dos casos, seguido pela desmotivação e/ou desinteresse com 29,2%. No caso das mulheres, a gravidez (23,8%) e as atividades domésticas (11,5%), ganham uma consideração particular no distanciamento (PNAD Contínua 2019).

Com números de evasão um tanto altos, o isolamento social serviu para afundar ainda mais a situação de alguns daqueles vulneráveis, bem como também com aqueles que já estavam desmotivados com a escola. Entretanto se olharmos por um outro ângulo, percebemos que essa condição obrigatoriamente categorizou prioridades para a escola pós pandemia, que já se preparava antes para uma intensa mudança curricular, podendo enaltecer as paixões dos estudantes e os motivar a construir um ambiente educativo que seja parecido com eles. Aproveitando esse momento de adaptação, podemos transformar a escola em um centro de informação e ciência digital, valorizando a diversidade e a autonomia discente.

O avanço da ciência e/ou tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto as majorias têm dificuldade até para sobreviver. Se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século (FREIRE, 1996, p. 39).

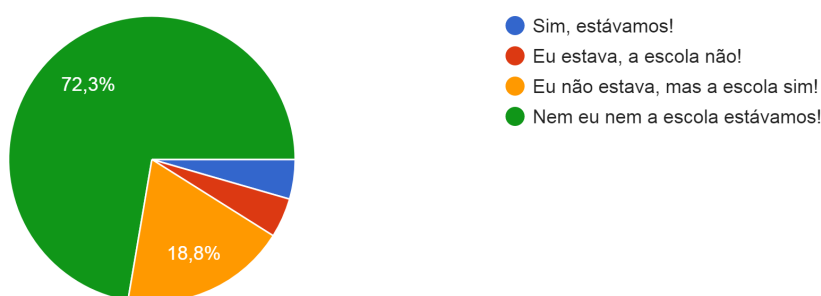
Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* aborda indiretamente essa desigualdade no acesso dos estudantes a tecnologia e a ciência no século XX. Já especificamente na Pandemia Global de 2020, cerca de 23 anos após a obra, reafirmamos que as escolas particulares ainda têm privilégios em diversas situações, uma vez que o acesso e a adesão a ferramentas digitais é historicamente presente.

Como podemos observar nos dados apresentados pelo gráfico 1, mesmo em escolas públicas com um maior investimento, como no caso da Doutor César Cals, as condições de adesão ao ensino à distância mostram-se desafiadoras para ambos os agentes do ensino. Mesmo aqueles que trabalham com as habilidades socioemocionais têm dificuldades para colocá-las em prática. O que não exclui as limitações das escolas particulares, que correspondem a 19%⁷ dos estudantes, mas que ressalta a amplitude do problema que é a desigualdade do acesso ao ensino de qualidade, como também na capacidade de obter resiliência às adversidades que aparecem no cotidiano.

Gráfico 1: Preparação para o ensino remoto na EDCC

Você concorda com essa afirmação? " Tanto eu quanto a escola estávamos preparados para o Ensino Remoto durante a pandemia!"

112 respostas



Fonte: Elaboração própria, 10/2020.

Esse processo de implementação da BNCC, que contempla tanto o uso das tecnologias quanto os das competências socioemocionais, fortalece o uso da

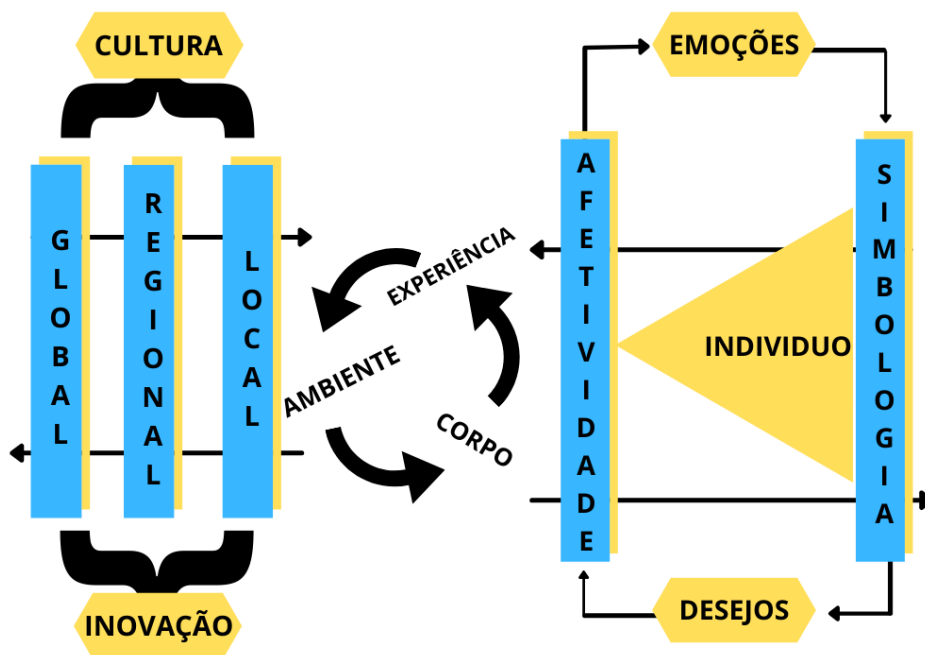
⁷ PNAD Contínua 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-pe-rsistem>. Acesso em: 20 mar. 2021

Geografia como aparato de transformação individual e coletiva, dando sentido científico e atribuindo valor simbólico, e estes, não devem se desenvolver sem a afetividade. Portanto, para que a Geografia passe a ser percebida pelos estudantes como uma forma de entender e interpretar o vivido - que torna-se lugar pelo elo pulsional e identitário - é imprescindível que esse conhecimento seja permeado pelas emoções.

Santini (1997) deixa posto que a afetividade é essa pulsão que se origina no interesse e/ou desejo de forma concreta, mas também simbólica. Dessa forma, as emoções são produtos da experiência do corpo com o ambiente que influencia e é influenciado pela linguagem, resultando em percepções sensoriais de afeto ou não-afeto.

Na figura 3 podemos perceber novamente o encontro dessas tendências opostas. De um lado vemos a cultura e a inovação que trazem uma renovação por perspectivas globais, já no outro lado, vemos que as tendências ativas partem intimamente da simbologia, indo de encontro a afetividade, pois os signos trazem desejos que se mostram pelos afetos e geram as emoções.

Figura 5: A afetividade como primeiro contato educativo



Fonte: Autoria própria, 2021.

A afetividade é a linha de frente quando nos relacionamos com algo ou alguém, mas claro que elas não governam nossas experiências e percepções,

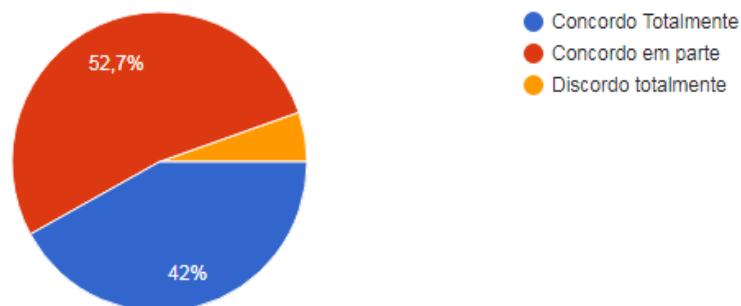
mas sempre carregam consigo um valor atribuído ao contato entre sujeito e as novas tendências sociais e globais. A causalidade das coisas são atreladas a maneira como somos afetados subjetivamente e mentalmente por associação àquilo que nos é apresentado. No âmbito educativo é preciso que educadores provoquem essa auto reflexão, permitindo que os educandos percebam empaticamente como se sentem em relação às problemáticas habituais, bem como também, despertar um posicionamento frente a questões sociais, éticas, ambientais e políticas segundo sua realidade e das outros.

Portanto, à medida que o estudante envolve-se nessa análise ética e humanística do dia-a-dia, educamos o sujeito para conhecer-se, portanto reconhecer-se parte de um meio diverso e simultâneo. Pois bem, como bem apresentado pelo gráfico abaixo, a inteligência quando desenvolvida consciente a afetividade contribui as percepções sensoriais que acompanham a experiência.

Gráfico 2: Inteligência e Afetividade

Você concorda com essa afirmação? " O desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade"

112 respostas



Fonte: Elaboração própria

Nessa linha de raciocínio, o afeto encadeia inicialmente uma reação individual, que passa ao coletivo, mas que através do relacionamento com o lugar, modifica o sujeito frente ao objeto e vice e versa. Decerto então que a inteligência deve acompanhar a afetividade, mas não deve se excluir outros caminhos, pois ser afetivo não necessariamente remete a ser passivo. Porém a grande problemática é que o aluno no atual modelo só é obrigado a fazer, e sem o menor interesse, nunca é ouvido ou considerado, então como desejamos

desenvolver uma educação ética sem ajudar a perceber-se como um indivíduo que vive ela, portanto a constrói.

Limites e regras devem ser conversados, a fim de tornar o grupo consciente do processo, como no caso do Núcleo, onde os caminhos são planejados colaborativamente, e em grande parte, existe uma autonomia do estudante para observar a necessidade, definir o método, também inventar ou inovar o objeto e apresentar uma solução ou descoberta.

A Geografia como uma ciência de caráter exploratório deve basear seus métodos às situações costumeiras, sejam políticas, ambientais ou sociais, mas que permitam a auto reflexão, e através desta, basear a empatia, a consciência e a cooperatividade. Os territórios emocionais são alianças geográficas entre o espaço e o tempo, dessa maneira as micro situações, micro geografias e micro histórias, devem fazer parte da rotina geoeducativa, estreitando trocas e gerando pertencimento e aceitação.

Para que isso seja possível, precisamos criar um contexto de aprendizagem segura, na qual o estudante possa protagonizar colaborando de acordo com suas habilidades individuais. De certa forma é imprescindível uma maior autonomia discente, para que eles possam entender que suas escolhas têm reações individuais e/ou coletivas, aprendendo a explorar suas capacidades e acatar com as consequências. Nesse modelo o papel docente se assemelha a um descobridor de talentos, sendo o professor, responsável por desenvolver dons de acordo com uma necessidade estrutural. A aprendizagem cooperativa é um formato que estimula a colaboração e a tolerância à diversidade, podendo ser usada pela Geografia ou demais áreas humanas abundantemente (HERNÁNDEZ et al, 2015).

Em sua raiz a Geografia é também uma disciplina prática, e quanto antes os professores se adaptarem e se dispuseram a explorar a vida, mais rápido o saber geográfico passará a ser percebido como inerente à transformação social. Os recursos para que essa realidade se concretize no contexto local, dependem do relacionamento professor-aluno, portanto é inevitável a imagem simbólica do professor como um amigo, um ajudante ou até mesmo mentor. Resultante dessa

relação, temos a intimidade partindo do incentivo à fala e da tomada de decisões, impactando o individual e o social no processo educativo.

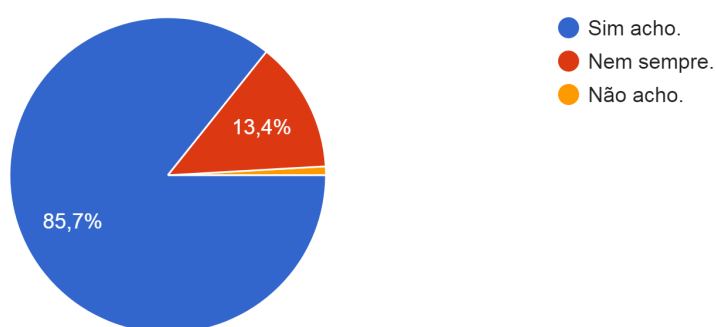
. Acolher a diversidade de pensamentos, cores, opiniões, trejeitos e corpos, significamente firmam essa abertura a contemporaneidade, e o geógrafo deve ser esse ser sensível que pauta e dá significado a todos os componentes. A escola deve emergir como um lugar de manutenção social que valorize a história e a cultura de todos os povos, mas que não se esqueça de que a realidade é digital, mesclada e globalizada, ambas só podem ser construídas no agora, espaço de construção do vivido.

Embasado pelos resultados do gráfico 3, a escola deve ser percebida como agente de um amadurecimento social, pois as diferenças culturais contribuem para a capacidade de tolerar as diferenças, por conseguinte o reconhecimento da comunidade e a construção dos espaços. Portanto, a educação deve ser uma forma de ver, saber socializar e comprometer-se com a formação de sujeitos éticos, desenvolvendo saberes formativos a manutenção dos Direitos Humanos, bem como sua conservação e valorização da diversidade.

Gráfico 3: Educação de Direitos Humanos

Você acha que a escola deve ser condutora de experiências práticas e sociais que construam valores humanos?

112 respostas



Fonte: Autoria própria

Para Pires (2012), no âmbito da Geografia Escolar devemos abandonar a ideia dessa disciplina como algo puramente decorativo, descritivo e paisagístico, mas de algo que tenha utilidade prática e pública, tendo tanto métodos cognitivos e tecnológicos para a análise, como também emocionais e afetivos. O hábito

geoeducativo deve acompanhar o reconhecimento de condições que influenciam a curiosidade, a criatividade, o pertencimento e a crítica. Mas é importante estar atento à influência que o professor pode ter na transformação da realidade individual dos estudantes, transmitindo valores, princípios e opiniões, que aos poucos, vão acrescentando a formação inter e intra relacional. A motivação nasce do aluno a partir do envolvimento e do treinamento das capacidades cognitivas junto às socioemocionais, e o professor é o principal mediador e provedor de condições criativas e afetivas que permitam essa autogeração.

O trabalho de transformar o conteúdo geográfico em ferramenta do pensamento dos alunos implica a busca dos significados e dos sentidos dados por eles aos diversos temas abordados em sala de aula, considerando sua experiência vivida (...) e implica, além disso, trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional e a social, e não somente a cognitiva, ou racional. (CAVALCANTI, 2008, p.49)

Assim como pautado acima, os conteúdos geográficos são relevantes por compreender a espacialidade, e se essa vier acompanhada de um conteúdo ligado aos fenômenos vivenciais, o aluno assimila o mundo a partir da construção do espaço, anterior ao lugar, motivando-se e reconhecendo a Geografia como uma ciência que configura a sua própria realidade. Uma boa maneira de desenvolver esse olhar é através de atividades envolventes que desenvolvam a amabilidade a partir da empatia, abrindo mão da memorização de livros didáticos e colocando-se no lugar do outro e de suas dificuldades de forma espontânea.

É inevitável também despertar a geograficidade a partir dos arredores da escola, mas também da casa, do trabalho, da praça e demais lugares, pois sua particularidade contribui a essa rede de vivências. No caso da EEFM DOUTOR CÉSAR CALS, por se situar próximo ao Centro da cidade, seu público varia muito de regiões e bairros de Fortaleza, resultando em possibilidades de explorar a cidade através da sala de aula presencial ou pela internet online. A Geografia Escolar deve estimular também o conhecimento de tecnologias digitais, não apenas o cinema mas também ancorar a meteorologia, a cartografia e as redes de informação e comunicação em todas as suas escalas

Vivemos em um mundo globalizado onde a cada dia o externo nos influencia de diversas formas a reproduzir o “comum” ou “o que está na moda”

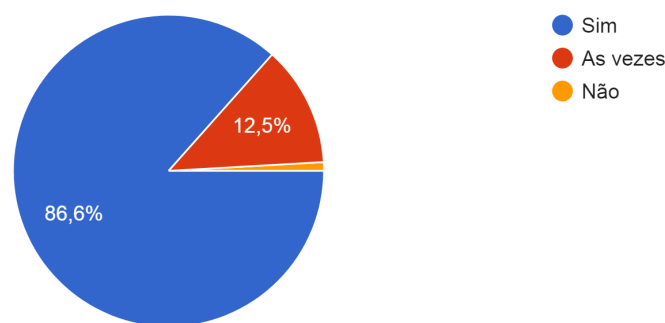
através das redes sociais, do cinema e das grandes corporações. O avanço dessa cultura global tem se dado gradativamente, e cada vez mais, as novas tecnologias quebram as barreiras territoriais, aproximando-se instantaneamente de culturas distantes. Claro que toda essa informação é nociva se não houver uma defesa cultural de valores locais, mais que dualidades, o local e o global são experiências pautadas individualmente e subjetivamente, contagiando o social.

Precisamos perceber os códigos geográficos do dia-a-dia que provam a proximidade dos conceitos com os estudantes. O encontro dessas escalas formam o agora, em suas inúmeras causas e condições sociais. No gráfico a seguir vemos que os estudantes concordam que essas escalas favorecem o processo educativo.

Gráfico 4: Local e Global.

Para você, os fatos do cotidiano no local e no global favorecem na construção do aprendizado geográfico?

112 respostas



Fonte: autoria própria

A pandemia global é um tema perfeito para pensar nessas redes e trocas, e como o local reage à sua maneira aos efeitos da globalização. Pela intensificação do uso das redes de comunicação e informação, os eventos tiveram uma ênfase maior, e durante as aulas à distância, aqueles temas globais e atuais, como meio ambiente, racismo e a própria pandemia tiveram uma exploração muito maior, não só da Geografia como das demais áreas.

Portanto, aqui salientamos que a afetividade pessoal e social durante o ensino a distância pôde expandir os espaços mentais e simbólicos, pois favorece o interesse em envolver-se e entender o que acontece socialmente, contrastando

com aquilo que não vemos, mas que é percebido pelo outro. Para firmar o compromisso da dinâmica do ERE foi imprescindível pautar o agora cientificamente, como também, quebrar os entraves do desinteresse a partir da criatividade, da amorosidade e da abertura ao novo.

5.2 A Geografia integrada como aparato docente de conceituação da vida.

Segundo Paulo Freire, a educação só é válida se o ato de educar vier necessariamente precedido de uma reflexão sobre o ser humano. Segundo esse raciocínio o aluno deve ter consciência da sua capacidade de transformação, mas nem sempre há uma predisposição ética por parte dos adolescentes, pois essa fase da vida é marcada pela rebeldia e pela quebra dos valores constituídos. Esse ideal cultural da juventude, reproduz a lógica da sociedade de consumo e do prazer individual e egóico, o que resulta, muitas vezes, em condutas delinquentes que satisfazem esse anseio momentâneo de dar sentido às coisas (COUTINHO,2005).

Partindo disso, como o professor deve seguir os ideais de Freire ou de Piaget se ao encontro da sala de aula vemos um público desinteressado, agitado e barulhento? A resposta está em não reprimir essa energia, mas direcioná-la a um objetivo em comum entre o professor e o aluno, que nesse caso, é o conteúdo pedagógico articulado às necessidades discentes.

Nessa relação não pode haver espaços para o autoritarismo, pois esse caso prevê uma verdade absoluta, e uma verdade imposta deixa de ser verdade e passa a ser um paradigma. “Dar uma lição de moral” é postular que o aluno não tem a capacidade de descobrir as soluções sozinho, além de se afastar do papel do professor-mentor, que é aquele que incita autoconsciência, não a repressão. Os limites devem ser acordados com o grupo, e a integridade é crucial para que a figura simbólica do professor seja respeitada, valorizando a dignidade e a diversidade física, psicológica e social dos envolvidos (SALTINI,1997).

O ramo da Geografia Escolar é multi possibilitado para lidar com a adolescência e suas pluralidades, pois se pensarmos o espaço como campo primário do pensamento geográfico, vemos uma integração de causalidades presentes, ou seja, coisas, pessoas e o natural se relacionando

concomitantemente, e isso transcende a Geografia, mas não deixa de sê-la, pois por sua vez, esse é o caminho para pensar o universo palpável do vivido, mas que é aquém a vida.

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel de realização social. (SANTOS, 1988, p.28)

Então se pensarmos nessa aproximação entre o espaço trazido por Milton Santos e a educação afetiva de Saltini, possibilitamos um incentivo a Geografia integrada, mostrando-se como uma resposta para a reorganização escolar trazida pela BNCC através dos conceitos socioemocionais. O pensamento geoducacional traz um leque plausível de teorização da vida, e se o filtrarmos para a sala citada anteriormente como barulhenta e desinteressada, vemos um fragmento da sociedade, que em cada ponto, faz-se importante para geografizar a unidade.

A Geografia integrada pautada aqui é aquela que une todos os saberes científicos no processo educativo, mas que prioritariamente, pensa a Geografia plena sem dicotomias antagônicas. O que não exclui as possibilidades de pensar o local por ele mesmo, por exemplo, mas que para que ele se sustente, diversos fatores contribuem em sua existência. Na sala de aula, qualquer conceito deve vir permeado pelo presente e o simbólico como ponto de interseção. Desse modo, pensar em uma Geografia do presente é também pensar no imaginário, pois tudo que vemos parte de nossa mente, que cria códigos, costumes e trejeitos que configuram nossos desejos e saberes.

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BNCC, 2017 p.19).

Para os geógrafos cada fração de diversidade tem seu valor agregado à paisagem, e pensar essa Geografia integrativa no patamar da educação socioemocional, é não pôr de lado nenhum dos fatores que correspondem ao cotidiano, mas enviesar tendências individuais e globais integradas a um pensamento não dual, mas complexo e interdisciplinar. Para que isso ocorra é preciso uma aproximação conceitual de todas as áreas de ensino, como no caso do Núcleo, que estrutura-se a partir da ciência como um mecanismo inclusivo de descobrimento da vida. Nesse movimento o papel das emoções é crucial, pois traz essa paixão pelo observado, e o sujeito apaixonado não quer qualquer coisa, mas quer aquilo que deseja, ou até algo maior que o motive seu objetivo.

Isto implica dizer que esta realidade é acessível aos sentidos, ao sentimento, ao subjetivo, mas também ao pensamento objetivo, e que assim perpassa por uma relação entre sociedade e natureza. O espaço geográfico é, portanto, um corpo dotado de sentido e não apenas um objeto regido por um conjunto de leis naturais, sendo preciso compreendê-lo por suas relações com o homem e representações advindas destas relações (ALVES e OLIVEIRA, 2019, p.309).

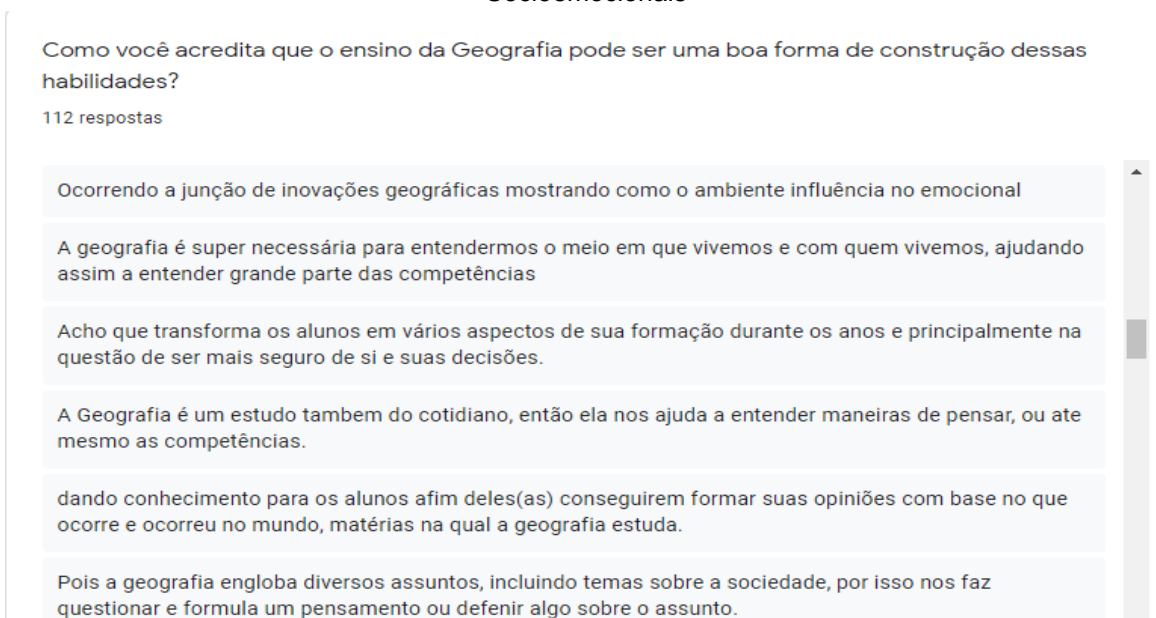
Nesse sentido, na relação entre o ensino e a Geografia cabe considerar a importância de retrabalhar os conceitos concomitantes às inovações tecnológicas contemporâneas, ao passo que a imaginação torna-se uma estratégia docente de atingir uma não-linearidade. A representação é uma forma de entender os diferentes elementos significativos capazes de transformar o mundo individual em linguagem. Tais formas são selecionadas e compreendidas pelo espaço substancial e material do mundo da existência, acendendo um significado particular que entrelaça-se ao imaginário geográfico (ALVES & OLIVEIRA, 2019).

A realidade geográfica é pois então a representatividade daquilo que é absorvido pelo homem e sua adaptação, pois ao estar de frente a realidade social é capaz de exprimir sua simbologia pessoal através da linguagem. Por sua vez, a comunicação desse imaginário cresce análoga à cultura quando emerge significado ao sujeito e suas representações sociais. Se os educadores medirem esse tipo de espacialidade ao passo que vivenciam ambientes geoeducativos, incentivaram a natureza na cultura e a cultura na comunicação, compreendendo as nuances do imaginário geográfico a partir das formas emocionais e simbólicas (ALVES & OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA, 2014).

A Geografia facilita essa multidimensionalidade da educação, pois seus conteúdos combinados a consciência do que é experienciado, formam a resiliência em situações problema. Tornar a educação atrativa é fazer com que ela seja parecida com os estudantes e suas diferenças, desbravando novas possibilidades, estando aberto aos erros e entender que a tradicionalidade ameaça a diversidade. Verdadeiramente então que, tornar o ambiente educativo um espaço dinâmico tem seu papel agregativo em sua função metacognitiva.

Na imagem 3 em uma pergunta aos alunos do último ano do ensino médio, vemos o reconhecimento da Geografia como condutora de práticas que permitem a reflexão da realidade. É interessante pensar o termo “inovações geográficas” da primeira resposta, pois cabe a interpretação de um ensino pautado na renovação, ou seja, na adaptação de seus conteúdos para as diversas realidades. Esse movimento incita o ensino transversal que traz a BNCC, pois permite pensar uma Geografia que coexiste com a Literatura, com a Matemática ou até mesmo com a Informática, mas que também em plenitude, traz a tona uma ciência dinâmica, que por sua vez, não é tão explorada pelos educadores.

Imagem 3: Respostas dos alunos sobre a junção da Geografia e das Habilidades Socioemocionais



Fonte: Elaboração própria

O social, o emocional, o cognitivo e o tecnológico, também são intrínsecos a Geografia, e os educadores devem fortalecer a ligação entre elas, bem como

também para as outras matérias, acendendo uma integração no processo educativo e contribuindo para a diminuição do individualismo científico. Mas para isso, os educadores devem expandir seus horizontes metodológicos, bem como também, passar a pensar o universo profissional como articulado e multifacetado, pois cada profissão necessita de uma ou várias outras complementares.

Como defendido por Cavalcanti (2008) para efetivar a escolarização significativa, precisamos entender as diferentes experiências que se encontram com os conteúdos, e os incorporar abertamente a contribuições de outras áreas e suas explicações do comum, buscando com sensibilidade a relação entre os saberes. O que é possível notar também nas duas últimas respostas da imagem 3, na qual os alunos lembram dessa capacidade geográfica de englobar temáticas diversas, ajudando no desenvolvimento pessoal. Essa evolução é defendida por todas as 6 respostas no panorama apresentado, que aponta o socioemocional geográfico como essencial para a formação escolar.

Cada vez mais vemos a escola perdendo seu patamar de centro de informação, mas que deve se adaptar a ser um espaço de descoberta e experimentação das informações do cotidiano. Esse universo parte da dialética entre os conceitos, em como eles são e como se apresentam a quem a observa. A exemplo disso, temos a paisagem como uma apreensão do espaço, em que cada um o interpreta à sua maneira, com suas experiências e saberes, entretanto a paisagem em si mostra-se através de diversos geosistemas que a compõem, entre eles, está as emoções e compreensões de quem a contempla, contribuindo às espacialidades.

Aqui vemos então o impasse das escolas em ter acesso a informações globais e a possibilidade de articulá-las com o local em um plano ativo e rotineiro. Nesse processo deduzimos uma aproximação e diálogo entre o professor e o aluno, pois cada um tem seu papel nesse processo de desenvolvimento geográfico. Enquanto o aluno deve envolver-se ativamente com o objeto e seus diversos agentes, o professor deve criar um habitat que proporcione a cientificização dessas emoções, que pode acontecer através de questionários, sínteses, formulários e qualquer outro recurso que valorize aquele encontro. No Turismo Geoeducativo (aulas de campo) vemos uma via de mão dupla, onde o

aluno aprende entre o contato com o fenômeno e com o conceito, aumentando sua autonomia educativa.

A aula em campo é uma atividade extrassala/extraescola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende a elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (OLIVEIRA E ASSIS, 2009. p.198).

As sensações que advêm do contato são essenciais para perceber os diversos encontros geográficos entre o corpo e o presente, portanto as aulas de campo favorecem nessa expansão do imaginário simbólico através do despertar patrimonial. Perceber o presente e envolver-se com ele favorece a acuidade dos fenômenos e suas integrações sociais, políticas, ambientais e éticas.

Estruturalmente notamos uma inadequação, em que de um lado, vemos as matérias separadas e compartimentadas, já de outro, vemos um mundo com uma realidade multifacetada, transversal e multidisciplinar. Desse modo, a palavra "amor", por exemplo, tem um sentido no sagrado, que é diferente no profano, e quando trazido para o mundano, a lógica já se expande as condições. Cada indivíduo em particular contribui em uma parcela do todo, e o todo ao mesmo tempo, é composto por várias parcelas individuais e simultâneas. Dessa forma qualquer fenômeno é ao mesmo tempo, biológico, matemático, físico, geográfico e outros, compondo uma unidade complexa que merece ser pensada na escola simultaneamente (MORIN, 2000).

A Geografia Escolar deve acolher a dinamicidade do espaço como fundamental para desenvolver os conceitos socioemocionais dentro do cotidiano, pois sua análise confluyente permite objetivar a aula segundo as necessidades sociais. Práticas que permitem a quebra da rotina favorecem no desenvolvimento dessa Geografia integrada, mas é inevitável que a parceria entre professores e alunos aconteça, pois a construção da confiança no ambiente educativo é imprescindível para incentivar essa reestruturação na sala de aula.

Mudanças não são sempre bem vistas, mas são necessárias para que a escola acompanhe a vida em sua diversidade. Uma ótima ferramenta para isso é

a escuta empática, pois permite que o professor dessa do patamar de autoridade e cultive um aprendizado mais experimental, não baseado no autoritarismo mas na cooperatividade. Os alunos se sentem mais à vontade quando são escutados pelos professores, mais que alguém que fale bonito, a confiança cresce quando há uma escuta acolhedora, sem rótulos e distinções.

Dar voz aos estudantes é um ato humanitário, pois muitas vezes, dentro de casa os adolescentes são cobrados a obedecer e reproduzir os pais, e dentro da escola deve ser diferente, para que possamos cultivar essa experimentação e inovação discente. Para eles, não há uma dissociação clara entre o ser na escola e ser no lar, portanto perceber, conversar e demonstrar interesse faz a diferença, selando com integridade o papel da escola como construtora de valores pessoais.

A Geografia, assim como as demais áreas de conhecimento, deve incentivar que as pessoas pensem, sintam e atuem em sua própria realidade social, tecnológica e ambiental. Dessa forma, as pequenas problemáticas da rotina devem agir como propulsores de um olhar geográfico que valorize os mapas mentais, desempenhando a partir do conteúdo, as muitas funções de uma vida plena. Devemos estimular as espacialidades individuais ou coletivas através de enfoques ativos, como no caso das aulas de campo ou dos projetos multidisciplinares, que contemplam as experiências dos jovens em suas próprias construções, investigando afetivamente os conceitos geoeseducativos.

La validez de la educación geográfica para proporcionar aquellos conocimientos, habilidades y valores necesarios en la vida cotidiana, resulta evidente si se consideran los diferentes aspectos en que nos puede ayudar. Vivir de manera feliz y plena consiste, en parte, en ir encontrando respuesta a una serie de cuestiones y problemas de carácter geográfico con que nos vamos encontrando a medida que actuamos como receptores de información, entes sociales, usuarios de servicios de ocio, productores, consumidores y ciudadanos (FIEN, 1992, p.22).

Como apresentado pelo autor acima, a educação geográfica consiste em ajudar os alunos a descobrir criticamente as próprias questões de caráter comum. Os diversos papéis que desempenhamos na sociedade trazem um saber significativo para a educação, seja tanto na vivência familiar, nas redes sociais, produção, arte, consumo ou cidadania, todas essas experiências individuais ou

cruzadas devem ser abordadas pela Geografia. Cada decisão que tomamos está baseada nesse espaço simbólico da mente, e é dever dos geógrafos agregar os saberes espaciais aos emocionais como forma de ajudar a Ser.

John Fien (1992) em sua obra *Geografía, sociedad y vida cotidiana*, enfatiza que o papel da educação, é formar pessoas que atuem em suas vidas a partir dos conhecimentos estruturais, dentre eles, deve estar a geoeducação articulada com a prática do vivido. Esses princípios guiam métodos de análise a temas sociais e ambientais que ampliam e enriquecem o olhar empático, tomando escolhas conscientes que afetam de maneira eficaz os relacionamentos.

Observamos que esse anseio de uma educação que teorize a vida é debatido desde o final do século passado, o que fundamenta o pensamento que as escolas brasileiras estão aquém da realidade atual. A amabilidade, a informação, a integratividade, a ética, a equanimidade e a afetividade têm pressa em fincar-se no currículo brasileiro, desenvolvendo o individual para que haja uma transformação social a partir da educação.

A educação geográfica tem esse poder de metamorfose no patamar socioemocional, mas também de incitação aos saberes cognitivos e tecnológicos, como já mencionado. Não é atoa que a ciência geográfica deu origem a tantas outras, pois parte da exploração do próprio espaço vivido. Mas isso se deu através do contato, do campo e da prática, e hoje, o ensino de Geografia tem estado dentro de uma caixa repleta de conceitos teóricos, que muitas vezes, não têm valor afetivo e significativo para aqueles que recebem esse conhecimento.

Nem todos nascem com uma predisposição à ciência, então porque enchê-los de informação teórica, se muitos deles, estão mais preocupados com as redes sociais ou com a vida fora da sala de aula. A dissolução disso se materializa quando fazemos de todos os lugares a sala de aula, e aprender fazendo, influi positivamente na resignificação do fazer Geografia.

Entender as mudanças é perceber-se mudando, pois o mundo parte da investigação do próprio corpo, então reconhecer seu papel de construção no mundo é fundamental para corroborar na geoeducação. Agir (experiência concreta), refletir (observação crítica), conceitualizar (teoria abstrata) e aplicar (experimentação ativa) é a proposta do pedagogo David Kolb, na qual propõe que

a educação deva se equilibrar entre dois pesos: o teórico e o prático. Métodos como esse, fortalecem a interdisciplinaridade, pois reconhecem o conhecimento como plural e articulado entre as ciências.

Para Kolb (2009) cabe às escolas dar um suporte educativo sob a ótica de novos espaços de aprendizagem, ou seja, dar autonomia para que os estudantes traçam seus próprios caminhos de evolução em sua pluralidade de espaços e condições. Esse modelo fortalece a metacognição, pois nele a educação acontece a partir da transição da mente individual ao lugar de exploração, pois o conhecimento reside em parte na mente do indivíduo e outra parte na comunidade, incitando a autoaprendizagem. Essa é uma estrutura holística que orienta diversas maneiras de aprender uns com os outros. A posição de uma pessoa nesses espaços de aprendizagem definem sua experimentação, conseqüentemente sua realidade. Em efeito a isso, trazemos à tona a não padronização da educação, resultando em considerar a sala de aula como um mapa de territórios de aprendizagem misto, que florescem e relacionam-se.

A Geografia facilita essa multidimensionalidade da educação, pois seus conteúdos combinados a consciência do que é experienciado, formam a resiliência em situações problema. Tornar a educação atrativa é fazer com que ela seja parecida com os estudantes e suas diferenças, desbravando novas possibilidades, estando aberto aos erros e entender que a tradicionalidade ameaça a diversidade. Verdadeiramente então que, tornar o ambiente educativo um espaço dinâmico tem seu papel agregativo em sua função metacognitiva.

É papel da geoeducação reacender a paixão em aprender e envolver-se com coisas novas, levando a expansão da mente e conseqüentemente da fala, das ações e das emoções. De fato essa mudança comportamental que esperamos não acontece de um dia para outro, mas é na presença do dia a dia que pacientemente chegamos a transformar as escolas em pólos magnéticos, que sejam atrativos e lúdicos. A escola como é hoje, mostra-se repulsiva para muitos dos estudantes, pois há uma frustração do não Ser, pois muitas vezes, o adolescente não tem liberdade de ser quem é em casa, e é na escola, que ele deve achar essa liberdade de expressão, é lá que deve ser seu laboratório de

experimentos, permitindo construir seus caminhos e entender suas emoções, o preparando para a vida.

Os geógrafos devem ser dotados de apreciação a vida ao seu redor, relacionando-se com o espaço e o tempo de uma forma conciliadora, porém que expanda seu olhar geográfico as micro histórias e micro situações, desvendando seus próprios mapas íntimos. Essas micro geografias passam despercebidas a rotina escolar e elas merecem ser trabalhadas e evidenciadas. As redes sociais são um exemplo disso, pois é gigante a parcela de crianças e adolescentes com aptidão de manusear ferramentas como vídeos, imagens e jogos, mas são poucos os professores que as unem a educação.

A Geografia pode ser percebida através da fotografia, do teatro, da dança, do trabalho, das comidas e de diversas outras formas que transcendem o copia e cola da lousa para o caderno. E essas atividades interessam os alunos, pois nelas residem as emoções, e nesse campo os alunos podem ser eles mesmos, assim o aprender se torna mais divertido e atraente, florescendo e exaltando sua identidade.

O Ensino Remoto Emergencial tornou visível a carência escolar brasileira de se reinventar, e essa pode ser uma boa oportunidade de ampliação daquilo que pensamos ser a escola. As habilidades socioemocionais propostas pela BNCC são tardias se compararmos aos sistemas educativos de países desenvolvidos, ou de até mesmo vizinhos sul americanos que debatem essa necessidade de ampliação na formação desde o século passado. Há uma urgência em formar indivíduos que conheçam e defendam seus direitos, que respeitem a igualdade e o espaço do outro, além de estarem comprometidos com a defesa e fortalecimento da diversidade educativa.

Se pensarmos bem, os vínculos sociais e emocionais preparam os sujeitos com experiências que questionam toda a realidade que estão inseridos, inclusive na própria internet, incentivando a consciência em direitos humanos. E a Geografia como uma ciência escolar, deve incitar a pesquisa a partir da conscientização da própria realidade habitual, ajudando a educar-se a partir do reconhecimento das próprias emoções.

As geografias emocionais devem ser pensadas como um reconhecimento e uma resposta a uma lacuna, isto é, a falha da geografia em representar nossas vidas emocionais. (...) As geografias emocionais irão recompor essa falta em termos de teorias situadas emocional e sócio historicamente. (...) As emoções são aspectos vitais de quem somos e de nosso comprometimento situacional com o mundo; elas compõem, decompõem e recompõem as geografias de nossas vidas. (...) Sem paixões, sentimentos e seus afetos, não existiria geografia que merecesse esse nome (LIMA, 2015 apud SMITH et al., 2009. p.4-5).

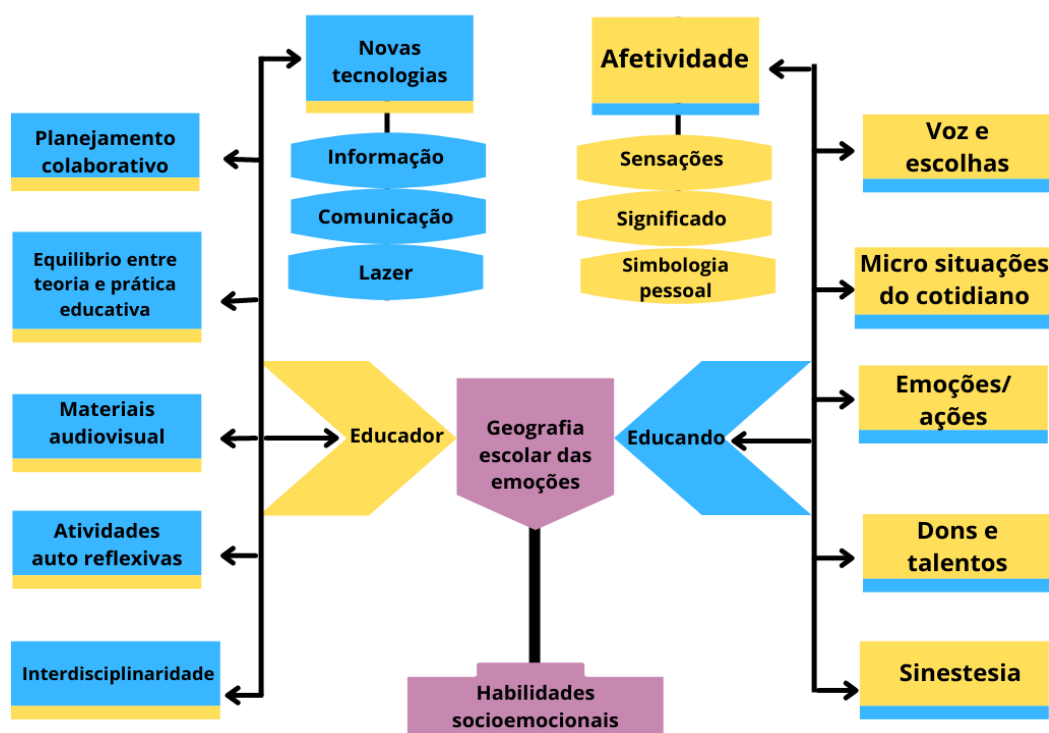
O afeto é a essência relacional, pois parte da comunicação dos símbolos do presente e do passado, dessa junção brotam as emoções, como uma energia que favorece a motivação e a movimentação a busca. Essa educação emocional parte do indivíduo, pois é a partir do corpo que experimentamos a vida, então esse reconhecimento de suas paixões e dons devem acompanhar a educação desde o infantil. Entender quem eu sou e meus próprios limites é crucial para perceber o outro como ele é, pois a auto reflexão é capaz de romper as barreiras do individualismo.

Pensar o espaço geográfico e educativo deve acontecer além das condições materiais, pois a mediação das formas simbólicas anula a ideia do sujeito como engrenagem de um sistema fordista que reproduz a lógica de ter acima do ser. A realidade é representada pela forma e o significado, decerto então que o mundo afetivo-emocional deve ser incentivado pela escola, pois os seres humanos têm sentimentos, percepções e histórias de vida que transformam suas geografias a partir do envolvimento afetivo. Não se trata de criar algo novo na educação, mas de redescobrir uma espontaneidade que já existe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber então que, no ambiente geoescolares é possível conciliar uma unidade dialética capaz de romper os paradigmas da escola, reafirmando os educandos como sujeitos aptos a viver no e com o mundo. Essa empoderação dos estudantes como catalisadores de mudanças sociais e individuais, só será uma realidade significativa, se os educadores forem capazes de incentivar uma Geografia escolar das emoções. Nesse modelo faz-se necessário uma ampliação integrativa de novos e antigos saberes que permeiam educadores e educandos, mas que se fundem ao ambiente educativo de forma construtiva, baseada nas habilidades socioemocionais da BNCC.

Figura 6: Mapa cognitivo da Geografia escolar das emoções



Fonte: Elaboração própria

Logo o produto da soma de valores agregados entre educandos e educadores, fornece a completude de um espaço autoconstrutivo, capaz de ajudar ambos a educar-se. Dessa forma, há um crescimento mútuo, na qual professores acompanham as novas tendências ideológicas e tecnológicas, ao mesmo passo que, as contrapõem a tendências históricas, gerando disso uma

cooperatividade. A geoeducação deve considerar o arcabouço simbólico construído pelo estudante enquanto indivíduo, pois assim o afirma no mundo como um sujeito que traz valores e saberes, recuperando então a motivação e inspiração para ser e estar dentro da própria evolução escolar.

Ao anularmos os saberes subjetivos da memória simbólica dos estudantes, desqualificamos a sua trajetória e vivência, negando a sua geografia pessoal e distanciando o real próximo da ciência supostamente distante. Somente através do realinhamento entre a historicidade da construção científica e o que é percebido pelos relacionamentos socioemocionais, é que poderemos firmar popularmente a Geografia, ou as demais ciências, como parte da vida comum, uma vez que os conceitos aparentam existir apenas nos livros.

Freire (1983) pauta esse discurso quando ressalta que as problemáticas enfrentadas pelos agrônomos não são problemas reais para os camponeses e vice e versa, agora os camponeses têm uma cultura de cultivo empírico apreciável, na qual os agrônomos passaram tempos para descobri-los. Em paralelo a isso, a Geografia Escolar deve qualificar as micro situações pessoais dos educandos como fator de inspiração, para que haja pertencimento e sentido de ser e estar na escola, bem como um despertar para a construção científica.

Portanto toda lembrança que possuímos está encharcada inconscientemente pela emoção produzida no momento do contato. Destarte que, o âmbito racional do conhecimento também está acompanhado de raiva, medo, tristeza, nojo ou alegria. Se pudermos unir as construções geoeeducativas ao saberes emocionais, educamos indivíduos a construir criativamente seu próprio meio, bem como exaltar capacidades individuais e coletivas.

Se examinarmos as geografias simbólicas, inerentes a todos os sujeitos que tornam a Geografia o que ela é, veremos espaços de potentes percepções na construção dos significados e desejos. O desenvolvimento da fala de uma criança requer maiores impactos neurais do que a transformação de sujeitos comuns em einsteins. Tudo parte do estímulo ao que essencialmente completa todos os seres. Dessa forma, se os educadores se dispuserem a proporcionar um ambiente geoeeducativo que explore a consciência plena e dialética de tudo aquilo que somos, teremos a Geografia como uma prática libertadora.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. GEOGRAFIA EMOCIONAL E CULTURAL, EM COMPARAÇÃO COM A RACIONALISTA. **Maneiras de Ler Geografia e Cultura**, Porto Alegre, 98-105, 2013.

ALVES, Eduardo Rodrigues & OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. OFICINA AUDIOVISUAL: formação do educador de geografia em temas simulados. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 302-319, jun. 2019.

BASILHO, Ana Luiza. Por que a pandemia pode contribuir com a evasão escolar? 2020. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/por-que-a-pandemia-pode-contribuir-com-a-evasao-escolar/>. Acesso em: 07 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CARVALHO, Francisco Geraldo Freitas. **Introdução à Metodologia do estudo e do Trabalho Científico**. Fortaleza: Expressão, 2011. 120 p.

CASTROGIVANNI, Antonio Carlos *et al.* **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**. 18. ed. Campinas: Papirus, 1998. 192 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008. 190 p.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: Ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional: Revista de psicanálise**, Porto Alegre, ed. 181, p. 16-23, 2005.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p

FANI, Ana. **O Lugar no/do mundo**. 1. ed. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.

FANK, Elisane; HUTNER, Mary Lane. ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL E A EDUCAÇÃO INTEGRAL: algumas reflexões de contexto e de concepção. **Eucere**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 6154-6167, set. 2013.

FIEN, John. Geografía, sociedad y vida cotidiana. **Documents D'Analisi Geogràfica**, Australia, v. 21, n. 1, p. 73-90, jun. 1992. Traducción del original inglés realizado por Ma Carmen Gonzalo.

FREIRE, Newton Malveira et al.. **Diálogos socioemocionais e o impacto na aprendizagem dos estudantes do ensino médio das escolas da região do vale do jaguaribe**. Anais VI CONEDU, Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/59892>>. Acesso em: 06/03/2021

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157 p.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade** e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. v. 10.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. v. 24.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **PAISAGEM SONORA DO BOI-DE-MAMÃO NO LITORAL PARANAENSE: A FACE OCULTA DO RISO**. 212 p. Tese (Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GALLARDO, Claudia Pradas. **Habilidades cognitivas: o que são, tipos, lista e exemplos**. 2020. Br Psicologia Online. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/habilidades-cognitivas-o-que-sao-tipos-lista-e-exemplos-557.html>. Acesso em: 07 jun. 2020.

HERNÁNDEZ, Maria Dolores García *et al.* Universidade e resiliência. Metamorfose do potencial humano. In: MIRAVALLÉS, Anna Forés (org.). **A resiliência em ambientes educativos**. São Paulo: Paulinas, 2015. Cap. 6. p. 155-173.

INEP. **Inep divulga dados inéditos sobre fluxo escolar na educação básica**. 2017. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206. Acesso em: 20 de Junho de 2020.

KOLB, Alice Y. *Kolb David*. The Learning Way: meta-cognitive aspects of experiential learning. **Simulation & Gaming**, Cleveland, v. 40, n. 3, p. 297-327, jun. 2009.

LECOINTRE, Marisa Russo. Emoção e Cognição: Uma abordagem científica das emoções. **Filosofia e História da Biologia**, Guarulhos, v.2, n.1, p.337-349, fev. 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 104 p.

LIMA, Dr. Ivaldo. AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E O ENSINO DE GEOGRAFIA. **Observatório Geográfico América Latina**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-10, jun. 2015.

LINDÓN, Alicia. La construcción socio-espacial de la ciudad. Desde la perspectiva del sujeto-cuerpo y el sujeto sentimiento. Anais XXVII **Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, p. 1-11, 2009.

LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. Afecto, sentido, sensibilidad: miradas transversales sobre paisaje y emoción. **Teoría y paisaje II: Paisaje y emoción**. El resurgir de las geografías emocionales, Barcelona, p. 5-9, 2015.

MOTA, Crismacleiton Galdino. **Núcleo de Trabalho Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS) no Estado do Ceará: Breve descrição**. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 115 p. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.

NOGUÉ, Joan. Geografías Emocionales: La Vanguardía. **Culturais** , Espanha, p. 22, 6 maio 2009.

NOGUÉ, Joan. Emoción, lugar y paisaje. **Teoría y paisaje II: Paisaje y emoción**. El resurgir de las geografías emocionales, Barcelona, p. 137-147, 2015.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: como educar sem encenar geografia?** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 241 p.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **SENTIDOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR**. Fortaleza: Edições Ufc, 2009. 224 p.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. DO ESTUDO DO MEIO AO TURISMO GEOEDUCATIVO: RENOVANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM GEOGRAFIA. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 32-47, jun. 2006.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, abr. 2009.

OLIVEIRA, Elida. **Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo**. 2020. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-d-e-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 07 mar. 2021.

OLIVER, J. P & SOTO, C. J., . **The next Big Five Inventory (BFI-2)**: Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 113, n.1 2017, p. 117–143.

PERSI P. Geografia ed emozioni. Genti e luoghi tra sensi, sentimenti ed emozioni. (Tradução de Beatriz Helena Furlanetto, 2014) PERSI P (org.). **Territori Emotivi**. Geografie Emozionale . Fano (Itália): Università di Urbino Carlo Bo, p.3 - 10, 2010.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Tendências teórico-metodológicas e suas influências nas pesquisas acadêmicas sobre o ensino de geografia no Brasil. **Terra Livre**, Goiânia, v. 1, n. 24, p. 177-191, jun. 2005.

PIRES, Lucineide Mendes. ENSINO DE GEOGRAFIA: COTIDIANO, PRÁTICAS E SABERES. **ENDIPE**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 1-12, jul. 2012.

PNAD. **PNAD Contínua 2018**: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem. educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PONTES, Roberta Kelly Santos Maia. **A implantação do núcleo de trabalho, pesquisa e práticas sociais na EEMTI Matias Beck - Fortaleza/CE**. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45856>>. Acesso em: 06/03/2021 18:08

SALTINI, Cláudio J. P.. **Afetividade & Inteligência**. Rio de Janeiro: Dp&a, 1997. 142 p.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da crítica a Geografia a uma Geografia crítica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1978. 285 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1988. 136 p.

SENNÁ, Instituto Ayrton. **Instrumento SENNA**. Disponível em: <https://institutoayrtonseenna.org.br/pt-br/conteudos/guias-tematicos.html>. 2015 Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Marcia Alves Soares da. POR UMA GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 38, p. 99-119, 12 dez. 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, João Pessoa, v. 17, n. 50, p. 69-84, 17 ago. 2018.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O EU, O OUTRO E O(S) NÓS: GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES À LUZ DA FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS DE ERNST CASSIRER (1874-1945) E DAS NARRATIVAS DE PIONEIROS DA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL.** 2019. 303 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SMITH, Mick; DAVIDISON, J; L, Cameron; L, Bondi. Introduction: Geography and Emotion – Emerging Constellations. **Geography and emotion: emerging constellations**, Farnham, ano 2016, p. 1-32, 15 maio 2016.

VALLERANI, Francesco. VIAGEM EMOCIONAL E AGIR GEOPOÉTICO: AS MEMÓRIAS DA ÁGUA, DA PRÁTICA INDIVIDUAL A NOVOS IMAGINÁRIOS URBANOS. **Movimentos Sociais & Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 6, ed. 1, p. 58-69, 2017.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA “ A GEOGRAFIA DOS AFETOS E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS” COM ALUNOS DA EEFM DOUTOR CÉSAR CALS.

08/03/2021

A Geografia dos Afetos e as Habilidades Socioemocionais

A Geografia dos Afetos e as Habilidades Socioemocionais

Esse formulário tem como objetivo coletar informações acerca das vivências geográficas e afetivas dos estudantes do Ensino Médio da E.E.F.M Dr César Cals. Os dados levantados servirão como base para compor o artigo: A Geografia dos Afetos na construção docente das Habilidades Socioemocionais, pelo estudante Jefferson Lucas Ribeiro Vituriano, aluno regularmente matriculado na disciplina de TCC do departamento de Geografia (386162) da Universidade Federal do Ceará. " A educação deve ser pensada não através de suas disciplinas, mas principalmente como meio de promover a própria vida, apropriando se dela com as próprias mãos." (SALTINI, 1996, pg47-48)

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

2. Nome e idade. *

3. Série *

Marcar apenas uma oval.

1° ano

2° ano

3° ano

4. Qual sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Homem
- Mulher
- Transgênero
- Não binário

5. Para você, estudar é um(a)... *

Marcar apenas uma oval.

- Dever
- Responsabilidade
- Obrigação

6. Você concorda com essa afirmação? " O desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade" (FURLANETO, 14) *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo Totalmente
- Concordo em parte
- Discordo totalmente

7. Você considera a Geografia uma Ciência vivencial e/ou afetiva? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, ambas!
- Somente Vivencial.
- Somente Afetiva.
- Não considero!

8. Para você, os fatos do cotidiano no local e no global favorecem na construção do aprendizado geográfico? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 As vezes
 Não

UTILIZE ESSE TEXTO PARA RESPONDER AS SUAS PRÓXIMAS PERGUNTAS

Segundo o Instituto Ayrton Sena "as **COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS** são capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas. Elas podem ser observadas em nosso padrão costumeiro de ação e reação frente a estímulos de ordem pessoal e social. Entre outros exemplos, estão a persistência, a assertividade, a empatia, a autoconfiança e a curiosidade para aprender. Exemplos de competências consideradas híbridas são a criatividade e pensamento crítico pois envolvem habilidades socioemocionais e cognitivas."

9. Você considera as habilidades socioemocionais como essenciais para o ensino regular? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Em parte
 Não

10. Como você acredita que o ensino da Geografia pode ser uma boa forma de construção dessas habilidades? *

11. Você concorda com essa afirmação? " Tanto eu quanto a escola estávamos preparados para o Ensino Remoto durante a pandemia!" *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, estávamos!
- Eu estava, a escola não!
- Eu não estava, mas a escola sim!
- Nem eu nem a escola estávamos!

12. Você acha que a escola deve ser condutora de experiências práticas e sociais que construam valores humanos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim acho.
- Nem sempre.
- Não acho.

13. Você concorda com a afirmação? " Também é papel do professor desenvolver a empatia dos estudantes!" *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo totalmente
- Concordo em parte
- Discordo Totalmente

14. Você acha que a Geografia é uma ciência que estimula a leitura sensível do cotidiano em suas temáticas? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim.
- As vezes.
- Não.

15. Você concorda com essa afirmação? " Meus sentimentos estimulam meus impulsos, escolhas e engajamentos!" *

Marcar apenas uma oval.

- Concordo totalmente!
- Concordo em parte!
- Discordo totalmente!

16. Para você, a Geografia pode ser uma ciência transformadora da realidade individual e coletiva? *

Muito obrigado pela participação!

Para que possamos construir uma sociedade autoconsciente de seus deveres e direitos, devemos investir cada vez mais em uma educação para a vida, não apenas para resultados. Juntos por uma educação que seja capaz de tornar indivíduos conscientes, capazes de tomar escolhas, solidários, empáticos, abertos ao novo, éticos, responsáveis, amáveis, fieis e perseverantes. Por uma educação transformadora.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice A: Questionário elaborado por VITURIANO em Outubro de 2020.

Disponível online no link:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdKdDULI8dliSxJEg1rRvJ8Rv2T_HWloQzknbcVrJU4cbhiwA/viewform?usp=sf_link